

ACADEMIA MILITAR

Direcção de Ensino

Curso de Infantaria

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

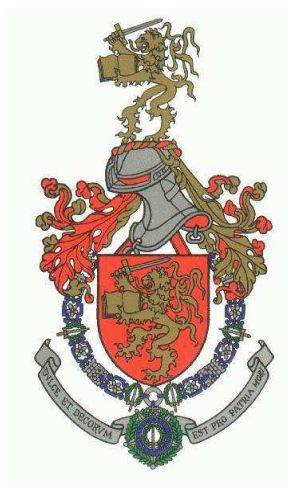
ENQUADRAMENTO DAS TROPAS PÁRA-QUEDISTAS NO SEIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

AUTOR: Aspirante Jacinto Gabriel Henriques Rodrigues Franco

ORIENTADOR: Professora Doutora Maria Manuela Martins Saraiva Sarmiento Coelho

CO-ORIENTADOR: Coronel Nuno António Bravo Mira Vaz

AMADORA, AGOSTO DE 2008



ACADEMIA MILITAR

Direcção de Ensino

Curso de Infantaria

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

ENQUADRAMENTO DAS TROPAS PÁRA-QUEDISTAS NO SEIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

AUTOR: Aspirante Jacinto Gabriel Henriques Rodrigues Franco

ORIENTADOR: Professora Doutora Maria Manuela Martins Saraiva Sarmiento Coelho

CO-ORIENTADOR: Coronel Nuno António Bravo Mira Vaz

AMADORA, AGOSTO DE 2008

DEDICATÓRIA

À minha querida família, camaradas e amigos.

AGRADECIMENTOS

Não pretendo elaborar uma lista exaustiva de todos os que contribuíram para que fosse possível realizar este estudo. Mesmo para evitar o risco de omitir alguém, vou apenas referir quem teve um papel determinante, não apenas pela forma incansável, mas também preocupada e interessada que sempre demonstraram, especialmente nos momentos mais difíceis.

Deste modo agradeço toda a cooperação que me foi prestada para a realização deste Trabalho de Investigação Aplicada, em especial:

À minha orientadora, Professora Doutora Manuela Sarmento, minha orientadora, pela sua disponibilidade, pelo apoio prestado e pela forma cuidada com que me acompanhou desde o início da elaboração deste trabalho. Tendo por vezes abdicado do seu tempo de descanso para me ser prestável.

Ao meu Co-Orientador, Coronel Nuno Mira Vaz, que nos momentos oportunos me alertou para aspectos relevantes a abordar no trabalho, contribuindo com o seu cunho pessoal na elaboração do mesmo.

À Escola de Tropas Pára-quedistas, pela forma interessada com que me recebeu e permitiu estabelecer inúmeros contactos, que em muito contribuíram para a minha formação, não apenas como militar, mas também como Homem.

Ao Coronel Regadas Teixeira, Coronel Martinho Grão e Sargento-Ajudante Canas, que tanto contribuíram, com a sua vivência, para o meu esclarecimento sobre as Tropas Pára-quedistas durante o período em que pertenciam à Força Aérea.

Ao Tenente-Coronel Almeida Luís e Tenente-Coronel Victor Cipriano, directores de curso de Infantaria, pela forma interessada que sempre demonstraram durante a realização do trabalho, garantindo sempre as melhores condições possíveis na elaboração do mesmo.

À Tenente Agapito, pelo seu trabalho na área estatística dos inquéritos, contributo este que colmatou as lacunas da minha formação nesta área.

Aos meus camaradas de curso, que sempre foram incansáveis no apoio prestado durante esta fase, justificando plenamente o termo Camarada.

À minha família, que sempre me apoiou e compreendeu nos momentos mais difíceis, a ela não só agradeço, como peço desculpa por tudo.

Para terminar, agradeço a todos os que não referi explicitamente, mas que estão guardados na minha memória, jamais vos esquecerei e dificilmente serei capaz de vos retribuir.

A todos vós, um muitíssimo obrigado.

RESUMO

O objectivo principal deste estudo é determinar em que medida são percebidas as Tropas Pára-quedistas no seio do Exército Português, em que se aplica um inquérito a elementos da Brigada de Reacção Rápida e da Brigada Mecanizada, com o objectivo de ter opiniões distintas, pretendendo-se apresentar e discutir os resultados estatísticos.

Para o objectivo principal concorrem outros três objectivos como o de verificar se as Tropas Pára-quedistas estão preparadas para a evolução prevista, justificando de igual modo a sua existência no seio do Exército, analisar a imagem das Tropas Pára-quedistas e a relação destas com as restantes forças e averiguar se o processo de integração e adaptação das Tropas Pára-quedistas no Exército foi o adequado.

A análise e a discussão dos resultados verificam se a existência das Tropas Pára-quedistas é justificada, se estas têm uma boa imagem e relação com as restantes Forças do Exército Português e se estão adaptadas convenientemente ao Exército, como resultado da sua origem na Força Aérea Portuguesa.

Recomendam-se por fim alguns estudos que podem surgir com a leitura deste trabalho.

Palavras-chave: Exército, Brigada de Reacção Rápida, Forças Especiais, Tropas Pára-quedistas.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to determine how the Paratroopers are understood by the rest of the Portuguese army. Therefore a survey was made in the other Rapid Reaction Brigade Units and the Mechanized Brigade, with the purpose of getting different opinions, so that those results could be statistically treated and discussed.

Three more objectives are studied: to verify if Paratrooper units are ready for predicted development, and justifying their existence in the Portuguese army; to analyze the perception of Paratroopers by other units and the relations between them; to find if the process of bringing in and adapting the Paratroopers to the Army was the most suitable .

The analysis and discussion of results show that the Paratroopers' existence is justified, that the Paratroopers have a good image and relation with the other units and that they are well adapted to the army after their origin in the Portuguese Air Force.

Finally, some further studies are indicated that may be suggested by the reading of this work.

Key words: Portuguese Army, Rapid Reaction Brigade, Special Forces, Paratroopers.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE GERAL	v
ÍNDICE DE QUADROS.....	vii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	viii
LISTA DE SIGLAS.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
Enquadramento	1
Justificação do tema.....	2
Objectivos da investigação	2
Metodologia da investigação.....	2
Dificuldades encontradas.....	3
Síntese dos capítulos	3
I PARTE - TEÓRICA.....	4
CAPÍTULO 2: AS TROPAS PÁRA-QUEDISTAS EM PORTUGAL.....	4
2.1. Introdução.....	4
2.2. Origem e reestruturação das Tropas Pára-quedistas.....	4
2.3. A Brigada de Pára-quedistas Ligeira.....	13
2.4. A Brigada Aerotransportada Independente	14
2.5. A Brigada de Reacção Rápida.....	16
II PARTE - PRÁTICA	21
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	21
3.1. Introdução.....	21

3.2. Método de Aborgagem	21
3.3. Procedimentos e Técnicas.....	22
3.4. Meios utilizados	24
3.5. Conclusão.....	24
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
3.1. Introdução.....	25
3.2. Apresentação e Análise dos inquéritos	25
3.3. Discussão dos Resultados.....	34
3.4. Conclusão.....	36
CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	37
5.1. Limitações na investigação	38
5.2. Investigações futuras	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
APÊNDICES.....	xi
Apêndice A- Entrevista 1	xi
Apêndice B- Guião do Inquérito	xx
Apêndice C- Quadro da Situação Tropas Comandos	xxiii
Apêndice D- Quadro da Situação Tropas de Operações Especiais	xxiv
Apêndice E- Quadro da Situação BrigMec.....	xxv
Apêndice F- Quadro da Situação Tropas Pára-quedistas (1/3).....	xxvi
Apêndice G- Quadro da Situação Tropas Pára-quedistas (2/3)	xxvii
Apêndice H- Quadro da Situação Tropas Pára-quedistas (3/3).....	xxviii
Anexo A- Directiva de Comando Nº03/BrigRR/07	xxix

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição das respostas obtidas pelos Comandos.	26
Quadro 2: Distribuição das respostas obtidas pelas Operações Especiais.	27
Quadro 3: Distribuição das respostas obtidas pelos militares da BrigMec.....	28
Quadro 4: Distribuição das respostas obtidas pelos Pára-quadistas às questões aplicadas a todas as Forças..	30
Quadro 5: Distribuição das respostas obtidas pelos Pára-quadistas às suas questões específicas.....	32

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Boina Verde e Brevet das Tropas Pára-quedistas.....	5
Figura 2: Estrutura fixa da dependência hierárquica do Comando da BrigRR.....	18
Figura 3: Cerimónia Militar do dia da BrigRR.	20

LISTA DE SIGLAS

AMSJ	-	Área Militar de São Jacinto
ARRC	-	<i>Allied Rapid Reaction Corp</i>
BAI	-	Brigada Aerotransportada Independente
BAAA	-	Bateria de Artilharia Anti-Aérea
BApSvc	-	Batalhão de Apoio de Serviços
BCP	-	Batalhão de Caçadores Pára-quedistas
BETP	-	Base Escola de Tropas Pára-quedistas
BIAT	-	Batalhão de Infantaria Aerotransportado
BLI	-	Brigada Ligeira de Intervenção
BMI	-	Brigada Mecanizada Independente
BOTP	-	Base Operacional de Tropas Pára-quedistas
BPARA	-	Batalhão de Infantaria Pára-quedista
BrigInt	-	Brigada de Intervenção
BrigMec	-	Brigada Mecanizada
BrigRR	-	Brigada de Reacção Rápida
BRIPARAS	-	Brigada de Pára-quedistas Ligeira
CCP	-	Companhia de Caçadores Pára-quedistas
CCS	-	Companhia de Comando e Serviços
CCTP	-	Comando do Corpo de Tropas Pára-quedistas
CEDN	-	Conceito Estratégico de Defesa Nacional
CEM	-	Conceito Estratégico Militar
CEng	-	Companhia de Engenharia
COMARRC	-	<i>Command Allied Rapid Reaction Corp</i>
CTAT	-	Comando das Tropas Aerotransportadas
CTm	-	Companhia de Transmissões
CTP	-	Corpo de Tropas Pára-quedistas
DAS	-	Destacamento de Apoio de Serviços
DCP	-	Destacamento de Caçadores Pára-quedistas

EBE	-	Estrutura Base do Exército
EPE	-	Escola Prática de Engenharia
ETAT	-	Escola de Tropas Aerotransportadas
ETP	-	Escola de Tropas Pára-quedistas
FAP	-	Força Aérea Portuguesa
FOPE	-	Força Operacional Permanente do Exército
FRI	-	Força de Reacção Imediata
GAC	-	Grupo de Artilharia de Campanha
MIFA	-	Missões Específicas das Forças Armadas
MNBG	-	Multinational BattleGroup
NATO	-	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
QO	-	Quadros Orgânicos
RA	-	Regimento de Artilharia
RC	-	Regimento de Cavalaria
RCP	-	Regimento de Caçadores Pára-quedistas
RI	-	Regimento de Infantaria
SFN	-	Sistema de Forças Nacional
TIA	-	Trabalho de Investigação Aplicada
TO	-	Teatro de Operações

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) subordinado ao tema “Enquadramento das Tropas Pára-quedistas no seio do Exército Português” está inserido no âmbito do Mestrado em Ciências Militares da Academia Militar.

Este TIA é composto por duas partes, a primeira eminentemente teórica, materializada pelo capítulo dois, onde se abordam as Tropas Pára-quedistas e a segunda parte é prática, dividida em dois capítulos, onde se refere no capítulo três a metodologia e onde se analisa o inquérito realizado, no capítulo quatro, tendo lugar no final, as conclusões e recomendações obtidas no decorrer do estudo realizado.

Com este estudo torna-se possível compreender, não só, o Enquadramento das Tropas Pára-quedistas no seio do Exército Português, bem como em que medida são percepcionadas as Tropas Pára-quedistas pelo restante Exército e por elas próprias, incluindo as outras Forças Especiais.

ENQUADRAMENTO

As Tropas Pára-quedistas, assim como o Exército Português, têm sofrido profundas alterações nos mais diversos níveis desde a sua génese. Este é um processo normal e imprescindível e que tem como objectivo adaptar-se às novas exigências que vão sendo impostas pelo Sistema Internacional.

Como consta no Decreto-Lei n.º 61/2006 (2006) “o Exército, componente terrestre do sistema de forças nacional, é uma instituição estruturante do Estado Português. Com efeito, para Portugal é fundamental a existência de um Exército moderno, adaptado e adaptável às alterações do ambiente político, estratégico e operacional contemporâneo, atento à evolução científica e tecnológica e adequado à realidade da profissionalização.”

É com base neste pressuposto que o actual Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN), do qual emana o Conceito Estratégico Militar (CEM), que conduz às decorrentes Missões Específicas das Forças Armadas (MIFA) e à definição do novo Sistema de Forças nacional (SFN), define as linhas de orientação para a Política de Defesa nacional.

É atribuída à actual BrigRR (Brigada de Reacção Rápida) especial importância no que concerne a este estudo, pelo facto de fazer parte da actual FOPE (Força Operacional Permanente do Exército) da componente operacional do Sistema de Forças Nacional (SFN) do Exército Português, sendo o resultado da parte prática deste TIA apenas referente a esta realidade.

JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

A principal causa para a selecção deste tema assenta na sua actualidade e pertinência. Numa altura em que tanto são chamadas a intervir as Forças Especiais, nos mais diversos teatros de operações internacionais, tem cabimento um estudo que mostre como estão enquadradas as Tropas Pára-quedistas no Exército, assim como a sua missão e possibilidades e a sua preparação face ao futuro, também numa perspectiva de complementaridade com as outras Forças Especiais.

OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Dado que o objecto da investigação deste TIA reside nas Tropas Pára-quedistas do Exército Português, pertencentes ao actual dispositivo de foças da BrigRR, o objectivo principal do presente trabalho consiste em determinar como são percebidas as Tropas Pára-quedistas por elas próprias e pelos restantes militares, no seio do Exército Português. Com este estudo tornar-se-á possível fazer uma análise e uma comparação entre os diferentes pontos de vista dos militares do Exército português, perante as Tropas Pára-quedistas e a sua consequente e inevitável interpretação.

Para o desenvolvimento deste trabalho a pergunta de partida, “Em que medida são percebidas as Tropas Pára-quedistas no seio do Exército Português”, é o fio condutor do trabalho sobre o objecto de investigação referido anteriormente. A pergunta de partida obriga a uma pesquisa e análise rigorosa que nos remete para outros objectivos a estudar, designadamente:

1. Verificar se as Tropas Pára-quedistas estão preparadas para a evolução prevista, justificando, de igual modo, a sua existência no seio do Exército.
2. Analisar a imagem das Tropas Pára-quedistas e a relação destas com as restantes forças.
3. Averiguar se o processo de integração/adaptação das Tropas Pára-quedistas no Exército foi o adequado.

Estes objectivos concorrem para o objectivo principal do presente estudo, conduzindo a uma formulação inicial de hipóteses, tais como:

1. A existência das Tropas Pára-quedistas no seio do Exército justifica-se.
2. As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem e uma relação benéfica com as restantes Forças do Exército.
3. As Tropas Pára-quedistas adaptaram-se adequadamente ao Exército, resultante da sua origem na Força Aérea.

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Para responder ao apresentado anteriormente, são adoptados os procedimentos e técnicas adequadas à tipologia da investigação.

Este trabalho encontra-se estruturado em duas partes fundamentais, e como tal, na primeira parte, relativamente ao enquadramento teórico, utilizam-se a análise documental e a realização de entrevistas exploratórias, com o objectivo de adquirir informação inicial, tendo-se revelado importantes no esclarecimento de dúvidas que surgem nesta fase. Utiliza-se também o método de investigação histórico, que analisa os fenómenos ou processos em estudo. Na segunda parte, os métodos de investigação científica que se utilizam são o inquisitivo, que se baseia no interrogatório escrito ou oral, onde é recolhida informação resultante dos inquéritos realizados à amostra escolhida, definida oportunamente e o indutivo, que se fundamenta do particular para o geral, na generalização dos conceitos.

DIFICULDADES ENCONTRADAS

No decorrer da investigação decorrem limitações para a qual o autor deve estar atento, no entanto situações há em que este não tem capacidade de controlar, como se constata no período da elaboração dos inquéritos e das entrevistas, em que grande parte dos participantes não apresentam disponibilidade para cooperar.

Apesar de existirem trabalhos anteriores que abordam a temática das Tropas Pára-quedistas, nenhum aborda o ponto que se pretende com este estudo, razão pela qual não é possível desenvolver um trabalho já iniciado do antecedente.

SÍNTESE DOS CAPÍTULOS

O trabalho está estruturado na presente introdução e em mais três capítulos, sendo que no final serão expostas as conclusões a que se chega com a realização da investigação.

A primeira parte do TIA é uma parte teórica, onde se refere toda uma base conceitual teórica sobre as Tropas Pára-quedistas, como a origem destas em Portugal, os antecedentes e uma síntese histórica, assim como as fases resultantes da passagem dessas tropas da FAP para o Exército, materializada pelo capítulo dois, para apoiar a parte prática desenvolvida posteriormente. Esta parte é também constituída pela evolução e transformações decorrentes das reestruturações das Tropas Pára-quedistas em Portugal, fazendo referência à BriPara, à BAI e à BrigRR. Estes últimos temas são mais incisivos, uma vez que a BrigRR é a estrutura actualmente vigente e onde vai incidir o estudo realizado, abordando desta forma a missão e vocação, os aspectos organizacionais internos, as possibilidades, pontos fortes e vulnerabilidades.

No capítulo três inicia-se a parte prática que aborda toda a metodologia da parte prática do trabalho, onde é explicado o inquérito e apresentados e discutidos os resultados.

No capítulo quatro são apresentados, analisados e discutidos os resultados do inquérito, e por fim são feitas as conclusões finais e recomendações, sistematizando as linhas que permitem responder à pergunta de partida deste trabalho.

I PARTE - TEÓRICA

CAPÍTULO 2: AS TROPAS PÁRA-QUEDISTAS EM PORTUGAL

2.1. INTRODUÇÃO

As Tropas Pára-quedistas em Portugal contam já com um passado de mais de 50 anos ao serviço da Pátria, tendo sido alvo de algumas reestruturações para se manter em concordância com o processo constante de desenvolvimento vivido nas Forças Armadas, primeiro na FAP e depois no Exército.

Neste capítulo aborda-se toda uma parte dos antecedentes e da origem das Tropas Pára-quedistas, bem como das suas sucessivas reestruturações, desde a BRIPARAS, à BAI e à BrigRR, após a qual se tecem algumas conclusões.

2.2. ORIGEM E REESTRUTURAÇÃO DAS TROPAS PÁRA-QUEDISTAS

O Pára-quedismo Militar em Portugal é criado oficialmente a 1 de Janeiro de 1956, mas apesar disto, muitos são os acontecimentos precedentes que para tal contribuíram e que são inseparáveis da história do Pára-quedismo Militar Nacional.

Segundo (BoinaVerde, 2007) a 12 de Dezembro de 1819, o inglês Eugénio Robertson realiza o primeiro salto em pára-quedas registado em Portugal, tendo saltado de um balão de ar quente a 700 metros de altitude.

A 6 de Outubro de 1922, o Capitão de Engenharia Mário Costa e o Tenente de Engenharia José Machado de Barros, efectuem em Alverca, também a partir de um balão de ar quente, o primeiro salto em pára-quedas, feito por militares portugueses e na Base Aérea n.º 3, em Tancos, numa sessão de experimentação de pára-quedas para pilotos, a 14 de Outubro de 1930, é efectuado pelo 1.º Cabo José Maria da Veiga e Moura, o primeiro salto em pára-quedas a partir de uma aeronave. Este salto é realizado a 800 metros de altitude com um pára-quedas *AVIOREX* e o 1.º Cabo aterra ileso a Nordeste da povoação de Madeiras, próxima de Tancos, de acordo com (BoinaVerde, 2007).

No ano de 1942, em Richmond, na Austrália são formados 12 Pára-quedistas naturais de Timor-leste, sendo eles: José Rebelo, Armindo Fernandes, José de Carvalho, Celestino dos Santos, João de Almeida, Bernardino Reis Noronha, Cândio Reis Noronha, António José Álvaro Pinto, Abel de Sousa, Félix Barreto, João Public e José Joaquim dos Santos, dos quais apenas um é lançado na retaguarda das tropas japonesas que ocupam Timor, de acordo com M. Machado e A. Carmo (2003), de seu nome Celestino dos Santos.

Em 1951, os capitães Armindo Martins Videira e Mário de Brito Monteiro Robalo, do Exército, frequentam na *École de Troupes Aeroportées*, em Pau, na França, o curso de

Pára-quedismo. No dia 27 de Maio de 1952 é promulgada a Lei n.º 2055 de 27 de Maio, que cria a Força Aérea Portuguesa (FAP) como ramo independente das Forças Armadas. Esta Lei, no seu artigo n.º 9, prevê a constituição de uma unidade de Pára-quedistas. No período de Agosto a Dezembro de 1953, o Aspirante a Oficial Fausto Pereira Marques e os sargentos Américo de Matos e Manuel Coelho Gonçalves frequentam, em Pau, o curso de Pára-quedismo, sendo que, após a conclusão do curso, conjuntamente com o Capitão Monteiro Robalo, frequentam o curso de instrutores e monitores de pára-quedismo. De Setembro do mesmo ano a Março de 1954, os aspirantes a oficial Fernando Soares Cunha e António Rosado Serrano e o Sargento José Freire de Sousa frequentam na *Escuela Militar de Paracaidismo Mendez Parada*, da Força Aérea Espanhola, em Alcantarilla (Espanha) os cursos de pára-quedismo e de instrutores. Em Abril de 1955, 232 voluntários, incluindo Oficiais, Sargentos e Praças, frequentam em Alcantarilla o curso de pára-quedismo (22.º *Curso Básico de Paracaidismo*), dos quais apenas 192 conseguem terminar com aproveitamento de acordo com (BoinaVerde, 2007).

A 27 de Maio, os 192 pára-quedistas portugueses efectuam o seu primeiro salto em pára-quedas. Este núcleo inicial regressa a Portugal e fica aquartelado, até ao fim do ano, nas instalações do Campo de Tiro da Serra da Carregueira. Sua Excelência o Presidente da República, General Craveiro Lopes, entrega o Estandarte Nacional à primeira Unidade de Pára-quedistas, o Batalhão de Caçadores Pára-quedistas (BCP), a 14 de Agosto de 1955, no decorrer da cerimónia militar realizada em Lisboa. Ainda durante este ano, a 23 de Novembro, de acordo com o Artigo n.º 20 do Decreto-Lei n.º 40395¹ é autorizado, pela primeira vez na história dos uniformes das Forças Armadas Portuguesas, o uso de uma boina como cobertura de cabeça, sendo que as Tropas Pára-quedistas usam a Boina Verde, como se pode observar na Figura 1, e o brevet.



Figura 1: Boina Verde e Brevet das Tropas Pára-quedistas

Fonte: <http://greenberet.no.sapo.pt/HISTORIAL%20EQUIPAMENTO/BOINA%20corrigida.jpg> e <http://www.freewebs.com/paraquedistas-porto/Brevet2.gif>

¹ Regulamento para a Organização, Recrutamento e Serviço das Tropas Pára-quedistas

A 1 de Janeiro de 1956 é criado o BCP de acordo com a Portaria n.º 15671, de 26 de Dezembro de 1955, com sede em Tancos e dependente da recém criada FAP. Os “Boinas Verdes” iniciam a sua instalação em Tancos, neste mesmo dia e na Quinta dos Álamos, na Golegã, é organizado o primeiro salto de pára-quedas da unidade em Portugal. Um a um, cerca de 50 homens, saem das portas dos aviões JU-52. O primeiro a saltar é o próprio comandante de Batalhão, Capitão Armindo Videira. De Janeiro a Outubro de 1956, o Tenente Argentino Urbano Seixas e o Alferes Sigfredo Ventura Costa Campos frequentam, no Brasil, o curso de pára-quedismo e outros cursos técnicos aeroterrestres incluindo os cursos de mestre de salto e precursor aeroterrestre. A 23 de Maio de 1956 é inaugurado o aquartelamento do BCP em Tancos, tendo presidido à cerimónia, o então Subsecretário de Estado da Aeronáutica, Tenente-Coronel Kaúlza de Arriaga. A 1 de Julho na cerimónia comemorativa do Dia da Força Aérea, no Aeroporto da Portela, é entregue o Estandarte Nacional ao BCP. A 7 de Janeiro de 1957 tem início o primeiro curso de pára-quedismo ministrado em Portugal, que inclui 10 saltos e é concluído a 28 de Fevereiro, tendo ficado aptos 37 instruendos. O primeiro curso de instrutores e monitores pára-quedistas tem início a 7 de Março e termina a 25 de Maio em que ficam aprovados 14 instruendos. Em Abril de 1959, antecedendo a instalação no Ultramar e para divulgação da FAP e das Tropas Pára-quedistas, das suas possibilidades e versatilidade, são executados lançamentos de demonstração em Luanda, Sá da Bandeira e Nova Lisboa, no âmbito do exercício *HIMBA*². Ainda neste ano, a 17 de Julho, Sua Excelência o Presidente da República, Almirante Américo Tomás, visita o BCP. A 10 de Agosto, na sequência de incidentes em Bissau, um Pelotão de Pára-quedistas comandado pelo Alferes Jerónimo Gonçalves segue para Bissau, onde permanece até dia 20, conforme refere (BoinaVerde, 2007).

Para Angola, os primeiros pára-quedistas embarcam em Novembro de 1960, para cumprirem missões operacionais. A 26 de Janeiro de 1961, uma Companhia de Pára-quedistas segue, em aviões DC-4 da FAP, para a Ilha do Sal, em Cabo Verde, para Bissau, na Guiné e para a Ilha de S. Tomé, com a missão de interceptarem um possível desembarque dos assaltantes do paquete Santa Maria, que não chega a realizar-se. A 16 de Março, logo após os graves incidentes no norte de Angola, chega a Luanda a 1.ª Companhia de Caçadores Pára-quedistas (1.ª CCP), logo seguida, em Abril pela 2.ª CCP e um mês mais tarde, pela 3.ª CCP. É a 24 de Abril, no Norte de Angola, que as Tropas Pára-quedistas sofrem o seu primeiro morto em combate: o Soldado Pára-quedista Joaquim Afonso Domingues. A 5 de Maio de 1961 é criado o Regimento de Caçadores Pára-quedistas (RCP) com sede no BCP em Tancos, que é então extinto pela Portaria 18462, de 5 de Maio. Fazem parte integrante do novo Regimento, o Batalhão de Instrução e o BCP 11. Três dias depois é formado o BCP 21 em Angola³ e o BCP 31 em Moçambique⁴. A 6 de

² Este exercício foi uma preparação para o regresso da Aviação Militar a Angola.

³ Pela Portaria 18464, de 8 de Maio de 1961, em Luanda.

⁴ Pela Portaria 18464, de 8 de Maio de 1961, na Beira.

Junho de 1961 inicia-se o 1.º Curso de Enfermeiras Pára-quedistas, das onze candidatas que iniciam o curso, seis conquistam a Boina Verde. Esta é a primeira vez na história militar portuguesa que as mulheres têm lugar nas fileiras das Forças Armadas. Destas, três participam na operação de evacuação de Goa, na sequência da invasão pela União Indiana, em Dezembro de 1961. Também pela primeira vez, as Tropas Pára-quedistas Portuguesas são empenhadas em combate por meio de lançamento em pára-quedas, a 11 de Agosto de 1961, em Angola, na Operação *QUIPEDRO*⁵. Um Pelotão de Pára-quedistas é colocado em Bissau, a 3 de Julho de 1963. O Pelotão vai integrar o Destacamento de Defesa Imediata do Aérodromo-Base 2. A 3 de Dezembro o Destacamento é reforçado com uma equipa de cães de guerra e a 20 de Janeiro de 1964 recebe um segundo Pelotão de Pára-quedistas. O terceiro Pelotão de Pára-quedistas chega a Bissau a 14 de Outubro e é criada uma Companhia no Aérodromo-Base 2. Durante uma operação realizada na mata de *Cachide*, a 7 de Fevereiro de 1964, as Tropas Pára-quedistas sofrem o seu primeiro morto no Teatro de Operações da Guiné, Soldado Pára-quedista Rosa Neto. A 20 de Outubro de 1966 é formado o BCP 12 em Bissau, na Guiné⁶. O Batalhão é activado a 14 de Outubro de 1966 incluindo a Companhia de Pára-quedistas do Aérodromo-Base 2. O BCP 32 é formado em Nacala, Moçambique a 9 de Novembro de 1966⁷. A 4 de Abril de 1968, o BCP 12 é condecorado com a Medalha de Cruz de Guerra de 1.ª classe, tal como o BCP 31 a 12 de Junho de 1969. O monumento aos Pára-quedistas mortos em combate, Figura 2, é inaugurado em Tancos, à entrada do aquartelamento do RCP a 3 de Julho de 1968. Em Novembro de 1969, no decorrer da operação *JOVE*, militares pára-quedistas do BCP 12 (Guiné) aprisionam em combate o Capitão das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, de nome Pedro Rodriguez Peralta, comprovando a ingerência de forças militares estrangeiras na guerra na Guiné de acordo com (BoinaVerde, 2007).

O BCP 21 é condecorado com a Medalha de Valor Militar, grau Ouro, a 12 de Fevereiro de 1973. A 25 de Abril de 1974 acontece a revolução, em que o Movimento das Forças Armadas depõe o antigo regime. As Tropas Pára-quedistas apoiam a revolução efectuando a ocupação da Prisão de Caxias e já em 27 de Abril, a escolta para o Funchal, do Presidente e 1.º Ministro depostos. Em Outubro do mesmo ano é extinto o BCP 12 na Guiné pelo Decreto-Lei 765/74 e em Novembro é desactivado o BCP 32 em Moçambique. O BCP 31 em Moçambique é extinto a 25 Junho de 1975 pelo Decreto-Lei 140/76 e a 7 de Abril do mesmo ano, um destacamento do RCP é enviado para Timor, constituindo-se no Destacamento de Caçadores Pára-quedistas N.º 1 (DCP). A Base Escola de Tropas Pára-quedistas (BETP) é criada a 5 de Julho de 1975, com sede no RCP, que é então extinto. É também criado o Corpo de Tropas Pára-quedistas (CTP) por Decreto-Lei n.º 350/75

⁵ No seio dos terroristas, a FAP levou a efeito uma das mais complexas operações de grande envergadura realizadas em Angola, tendo coincidido com a primeira vez que os Pára-quedistas foram empenhados no exercício da sua função específica, por meio de lançamento de pára-quedas.

⁶ Pela Portaria 22260.

⁷ Pela Portaria 22302.

composto por: Comando do Corpo de Tropas Pára-quedistas (CCTP), em Monsanto, Lisboa; A BETP, em Tancos; A Base Operacional de Tropas Pára-quedistas (BOTP) n.º 1, em Monsanto, Lisboa; e A BOTP n.º 2, em São Jacinto, Aveiro. A 26 de Agosto de 1975, o DCP assegura a retirada, para a Ilha de Ataúro, do Governo do Território de Timor e do seu Estado-Maior. Durante a permanência em Ataúro, uma secção de pára-quedistas, a bordo da barçaça *COMORO*, dirigiu-se de novo a Timor tendo resgatado alguns militares do Exército que se encontravam aprisionados e abandonados no enclave de Oé-Cussi⁸. Na Fortaleza de S. Miguel, em Luanda, os pára-quedistas do BCP 21 prestam honras ao último arrear da Bandeira Nacional em Angola, a 10 de Novembro de 1975. Um dia depois, com a independência de Angola é desactivado o BCP 21. Não fazendo parte da estrutura das Tropas Pára-quedistas, a 19 de Outubro de 1977 é constituído o Pára-Clube Nacional "Os Boinas Verdes"⁹, concretizando a vontade de 407 militares do CTP, que passavam a ser estatutariamente sócios fundadores. A 1 de Julho de 1978 é definitivamente activada a BOTP2 em São Jacinto e um ano depois, a 5 de Julho, o CTP e as Bases recebem os seus Estandartes Nacionais em Tancos. Renasce, modernizada no formato, em Setembro de 1981, a revista *Boina Verde*, órgão de informação do CTP, segundo (BoinaVerde, 2007).

O Estandarte Nacional do CTP, herdeiro do património moral e histórico dos batalhões de caçadores pára-quedistas, é condecorado com a Ordem Militar da Torre e Espada do Valor Lealdade e Mérito pela acção das tropas pára-quedistas no antigo Ultramar Português, a 3 de Janeiro de 1985. A BETP é condecorada com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos a 7 de Dezembro de 1987. A 5 de Julho de 1991 durante as cerimónias do 35.º Aniversário da criação das Tropas Pára-quedistas, em Tancos, o Ministro da Defesa Nacional, Doutor Fernando Nogueira, no seguimento de um anúncio já feito em Bruxelas, confirma que a transferência das Tropas Pára-quedistas para o Exército é irreversível e tem lugar em 1 de Janeiro de 1994. A 25 de Setembro 1991, cinco graduados Pára-quedistas partem para o Zaire, numa aeronave C-130 da FAP, em apoio da operação *BLUE BEAM* para evacuação de Europeus residentes no Zaire. A BOTP n.º 1 em Monsanto é desactivada a 1 de Agosto pela Portaria n.º 985/91, de 11 de Setembro, tendo os seus meios materiais e humanos sido transferidos para a BOTP n.º 2 em São Jacinto, Aveiro e para a BETP, em Tancos. Durante os meses de Outubro e Dezembro, alguns Oficiais e um Sargento do CTP integram pela primeira vez a missão portuguesa na *European Community Monitor Mission* (ECMM) para a Jugoslávia. Em 1992, o Estandarte Nacional do CTP é agraciado com a Medalha de Agradecimento da Cruz Vermelha Portuguesa. Pela primeira vez, em Março e Agosto deste ano, Oficiais do CTP partem para a Ex-Jugoslávia ao serviço das Nações Unidas, como Observadores Militares da UNPROFOR.

⁸ É um dos 13 distritos administrativos de Timor-Leste, localiza-se na costa norte da metade ocidental da ilha de Timor, constituindo um exclave de Timor-Leste.

⁹ A 12 de Novembro o Pára-Clube é oficializado pelo Decreto-Regulamentar n.º262.

Segundo (BoinaVerde, 2007) a 25 de Abril, mais de 30 anos após o 1.º Curso de Enfermeiras Pára-quedistas, depois da alteração legislativa, as mulheres são autorizadas a ingressar nas Forças Armadas. O 166.º Curso de Pára-quedismo é o primeiro a incluir de novo mulheres, onde, do grupo inicial, 27 conquistam a Boina Verde. A 2 de Outubro, um Pelotão de Pára-quedistas, em representação da Brigada de Pára-quedistas Ligeira (BRIPARAS), participa em Bielefeld, na Alemanha, na cerimónia de activação do *Allied Rapid Reaction Corps* (ARRC), componente terrestre das Forças de Reacção Rápida da NATO, na nova estrutura de Forças da Aliança Atlântica. Em Novembro, as Tropas Pára-quedistas participam na operação de evacuação de cidadãos nacionais residentes em Angola enviando 33 militares para São Tomé, Brazaville, no Congo e Angola. Em Setembro de 1993, o 175.º Curso de Pára-quedismo inclui pela primeira vez Oficiais e Sargentos do Exército que integram a nova unidade aerotransportada do Exército. Sua Excelência o Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Doutor Mário Soares, a 30 de Dezembro de 1993, condecora o Estandarte Nacional do CTP com a Ordem Militar de Avis. Um dia depois é extinto na Força Aérea Portuguesa o Corpo de Tropas Pára-quedistas pelo Decreto-Lei 27/94, de 5 de Fevereiro, procedendo à activação do CTAT e da BAI.

• A INTEGRAÇÃO DAS TROPAS PÁRA-QUEDISTAS NO EXÉRCITO E SUA EVOLUÇÃO

Ao primeiro dia de Janeiro de 1994 é criado no Exército Português o CTAT, com um Comando de natureza territorial e a BAI, com base nos efectivos especializados em pára-quedismo da FAP e do Exército. Na dependência do CTAT são criados: o Quartel-general/BAI e as subunidades de apoio do CTAT e BAI, em Tancos; a Escola de Tropas Aerotransportadas (ETAT), em Tancos; a Área Militar de São Jacinto (AMSJ), em Aveiro; e o Regimento de Infantaria 15, em Tomar, a partir de 1998. O CTAT é herdeiro das tradições e do património do extinto Corpo de Tropas Pára-quedistas da Força Aérea Portuguesa e também do extinto Regimento de Comandos do Exército e fica aquartelado em Tancos na antiga Base Aérea 3.

A BAI é atribuída ao ARRC da NATO, sob controlo de uma *Framework Division* Italiana. Em 1995, um Batalhão da BAI é atribuído para participar na operação *JOINT ENDEAVOUR* da NATO, na Bósnia. A 5 de Janeiro de 1996, o 2.º BIAT da BAI e um Destacamento de Apoio de Serviços (DAS) embarcam para a Bósnia onde integram a Brigada Multinacional Sarajevo Norte (BMNSN) de comando italiano, no sector da Divisão Multinacional Sudeste (DMNSE) de comando francês na *IFOR*, segundo (BoinaVerde, 2007).

Em consequência de um acidente com uma mina o 1.º Cabo Pára-quedista Mouta e o 1.º Cabo Pára-quedista Tavares do Destacamento de Apoio de Serviços morrem em Sarajevo. São as primeiras baixas mortais portuguesas na Bósnia, a 24 de Janeiro de 1996.

A 9 de Agosto de 1996, o 3.º BIAT da BAI, sob o comando do Tenente-Coronel Pára-quedista Fernando Saraiva, substitui o 2.º BIAT na Bósnia.

A 6 de Outubro de 1996, em virtude de um acidente ocorrido com uma viatura blindada *Chaimite* na qual se deslocavam em patrulha, morreram na Bósnia os Soldados Pára-quedistas Francisco Barradas e Ricardo Souto, do 3.º BIAT.

A Força Multinacional Europeia EUROFOR é criada a 6 de Novembro de 1996, na cerimónia de activação do Comando da Força, em Florença, Itália, em que participam dois pelotões da BAI.

Após o final da missão da IFOR, em Dezembro de 1996 e a sua substituição pela SFOR, o 3.º BIAT regressa a Portugal e é substituído por um batalhão reduzido, da Brigada Mecanizada Independente (BMI) em Fevereiro de 1997.

A 14 de Fevereiro, o Presidente da República, Doutor Jorge Sampaio, condecora o Estandarte Nacional da BAI com a Medalha de Ouro dos Serviços Distintos.

Em Janeiro de 1998, o Regimento de Infantaria 15 (RI15) de Tomar, que desde o início de 1997 aquartela o 1.º BIAT da BAI, deixa de estar sob o comando da Região Militar Sul e fica subordinado ao Comando das Tropas Aerotransportadas (CTAT). Com esta nova unidade passam a ser quatro os aquartelamentos do CTAT: a ETAT, em Tancos, o CTAT/BAI, também em Tancos, a AMSJ em Aveiro e o RI15 em Tomar. Algumas subunidades da BAI ficam aquarteladas noutras unidades do Exército, fora do CTAT: o Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) no Regimento de Artilharia 4 (RA4), em Leiria, o Esquadrão de Reconhecimento no Regimento de Cavalaria 3 (RC3), em Estremoz e a Companhia de Engenharia (CEng) na Escola Prática de Engenharia (EPE), em Tancos.

Também em Janeiro de 1998, o 1.º BIAT da BAI segue para a Bósnia-Herzegovina para substituir na SFOR, o Batalhão da BrigMec que regressa a Portugal, em Março de 1998, a BAI participa activamente no exercício *STRONG RESOLVE 98*, da NATO e *Partnership for Peace*, sendo este o maior exercício realizado pela NATO.

Em Junho de 1998, o Comando da BAI e o 2.º BIAT participam, em França, no exercício *EOLE 98* da responsabilidade da EUROFOR e que conta com a participação de forças de França, Espanha, Itália e Portugal, a 20 Junho de 1998, uma Secção de Abastecimento Aéreo da BAI constituída por um Oficial, dois Sargentos e nove Praças, vão para Cabo Verde no âmbito da missão de ajuda humanitária à população da Guiné-Bissau.

No mês seguinte, o 1.º BIAT regressa a Portugal sendo substituído na SFOR pelo Agrupamento ALFA da Brigada Ligeira de Intervenção (BLI), ainda em Julho deste ano, na sequência do violento sismo que a 9 de Julho abalou os Açores, a CEng da BAI, aquartelada na EPE, em Tancos, destaca para os Açores pessoal e material para apoiar os trabalhos de reconstrução.

Pela primeira vez uma mulher frequenta e obtém a qualificação no Curso de Instrutor de Pára-quedismo, em Dezembro de 1998.

Em Janeiro do ano seguinte, a BAI inicia a organização e preparação do Agrupamento ALFA/BAI-SFOR com a missão de substituir, a partir de Julho, o Batalhão da BMI na Bósnia. O Agrupamento é constituído por Comando, Companhia de Comando e Serviços (CCS), uma Companhia de Pára-quedistas do 2.º BIAT da AMSJ e pelo ERec da BAI do RC3.

Em Fevereiro de 1999, o GAC da BAI, aquartelado no RA 4, em Leiria, é equipado com obuses L - 119 105mm Light Gun. A 11 de Fevereiro, os artilheiros pára-quedistas efectuam a primeira sessão de fogos reais com as novas armas em Santa Margarida.

Um Pelotão com 20 pára-quedistas do 1.º BIAT do RI15 participa numa operação de ajuda humanitária à Guiné-Bissau, partindo num avião C-130 da FAP que aterra em Bissalanca, em Fevereiro de 1999 e em Abril de 1999, é atribuída à BAI a missão de preparar o Agrupamento BRAVO para participar numa missão de apoio à paz no Kosovo, integrado numa força da NATO, KFOR. O Agrupamento BRAVO é constituído por um ERec, que deixa de integrar o Agrupamento ALFA/BAI, por um Esquadrão de Lanceiros e um Esquadrão de Comando e Serviços.

Em Julho de 1999, o 2.º BIAT parte para uma segunda comissão na Bósnia, no âmbito da SFOR. Com a passagem do ERec/BAI para o Agrupamento BRAVO/KFOR a unidade é totalmente constituída pelo 2.º BIAT que permanece na Bósnia de Julho de 1999 a Janeiro de 2000 e em Agosto de 1999, o Agrupamento BRAVO/BAI-KFOR parte para o Kosovo para tomar parte na operação da NATO. Na KFOR o Agrupamento é integrado na Brigada Multinacional Oeste, sob comando italiano. O Agrupamento BRAVO permanece no Kosovo até Fevereiro de 2000 sendo então rendido por um Agrupamento da BLI.

A 20 de Agosto de 1999, um Despacho do General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Martins Barrento, altera a designação da especialidade Aerotransportado para Pára-quedista (Para) e altera igualmente a designação de Batalhão de Infantaria Aerotransportado (BIAT) para Batalhão de Infantaria Pára-quedista (BPARA), em Setembro de 1999, é atribuída à BAI a missão de preparar um Agrupamento destinado a integrar uma força internacional numa operação de apoio à paz em Timor. O Agrupamento é constituído com base no 1.º BPARA, comandado pelo Tenente-Coronel Pára-quedista Camacho Soares e integra uma Companhia de Fuzileiros. Por decisão das Nações Unidas a participação portuguesa não se concretiza.

Em Janeiro e Fevereiro de 2000, o 1.º BPARA, reforçado com uma Companhia de Fuzileiros, integra o Contingente Nacional para Timor que vai participar na *United Nations Transitional Administration in East Timor - Peacekeeping Force (UNTAET/PKF)*. Para além do Batalhão e de um Destacamento de Helicópteros, é atribuído a Portugal o comando do Sector Central da UNTAET, sendo comandante o Coronel Pára-quedista Lima Pinto.

Também em Janeiro de 2000, o 2.º BPARA regressa a Portugal sendo substituído por uma unidade da BMI. De novo em São Jacinto o 2.º BPARA inicia a sua preparação para render o 1.º BPARA em Timor e em Fevereiro de 2000, o Batalhão de Apoio de Serviços da

BAI, aquartelado no CTAT da BAI, em Tancos, é transferido para o aquartelamento do RI 15 em Tomar.

Em Agosto de 2000, o 1.º BPARA regressa a Portugal, ao RI 15, sendo substituído em Timor pelo 2.º BPARA, e a 3 de Outubro de 2000, no decorrer de uma operação das Nações Unidas em Timor, o 1.º Sargento Pára-quedista José Vitorino M. Fernandes e o Soldado Pára-quedista José Miguel G. Lopes, do 2.º BPARA, foram vítimas de um acidente mortal com um helicóptero AL-III do Destacamento de Helicópteros da FAP na UNTAET. Com estas duas baixas eleva-se para seis o número de baixas mortais das Tropas Pára-quedistas em missões de apoio à paz, desde 1996.

Em Fevereiro de 2001, o 2.º BPARA regressa a Portugal, à AMSJ sendo substituído em Timor por um batalhão da BLI e em Julho de 2001, o 1.º BPARA parte mais uma vez para a Bósnia-Herzegovina onde vai substituir um Batalhão da Brigada Mecanizada Independente, como Reserva Operacional do Comando da SFOR.

A 19 de Dezembro de 2001, a Directiva do General Chefe do Estado-Maior do Exército para a reorganização do Exército prevê a reactivação do 3.º BPARA em Beja e a mudança do Comando da BAI de Tancos para outro local. O mesmo documento prevê a reactivação do Regimento de Comandos a duas Companhias, na Serra da Carregueira.

Em Janeiro de 2002, o 1.º BPARA regressa a Portugal, ao RI 15, sendo substituído na Bósnia por um Batalhão de Infantaria Mecanizado e de Janeiro a Julho de 2002, duas Equipas de Ligação constituídas por um Oficial, um Sargento e uma Praça da BAI participam na Operação da NATO *AMBER FOX*, na Antiga República Jugoslava da Macedónia. As equipas asseguram a ligação da força da NATO aos monitores da OSCE¹⁰.

A 8 de Junho de 2002, o 2.º BPARA, reforçado com uma Companhia de Fuzileiros Navais, volta a Timor-Leste, onde integra nova missão das Nações Unidas - UNMISET¹¹. E a 19 de Setembro de 2002, o Despacho 164/CEME/02, do General Chefe do Estado-Maior do Exército, determina a reactivação do 3.º BPARA no RI 3, em Beja. A 16 de Dezembro de 2002, o Brigadeiro-General Lima Pinto parte para a Bósnia-Herzegovina para comandar o *Multinational Battlegroup* (MNBG), constituído por um Batalhão Português, um Batalhão Polaco, e uma Companhia Eslovena. O MNBG fica aquartelado em Doboj, no Norte da Bósnia e na dependência de uma Brigada de comando Norte-Americano.

Em Janeiro de 2003, o 1.º BPARA parte de novo para a Bósnia-Herzegovina, desta vez para Doboj, onde integra o MNBG, comandado por um oficial Pára-quedista Português, na dependência de uma Brigada Americana na SFOR e ainda durante este mês, o 2.º BPARA regressa a Portugal, a São Jacinto sendo substituído em Timor-leste no âmbito da UNMISET por um Batalhão da BrigMec.

¹⁰ Organização para a Segurança e Cooperação na Europa.

¹¹ *United Nations Mission in Support of East Timor*

Por Despacho de 31 de Março de 2003 do General CEME¹², os militares qualificados em Pára-quedismo em serviço nas unidades do CTAT e da BAI passam a usar na Boina Verde uma nova insígnia de boina exclusiva.

Em Janeiro de 2004, marcha para a Bósnia-Herzegovina o 3.º BPARA para cumprimento da missão SFOR, um ano depois marcha para a Bósnia-Herzegovina o 2.º BPARA para cumprimento da missão EUFOR e em Setembro de 2005, marcha para o Kosovo o 3.º BPARA para cumprimento da missão KFOR.

O Decreto-Lei n.º 61/2006, de 21 Março, materializa a transformação do Exército colocando as Unidades Pára-quedistas na BrigRR, sendo extinto o CTAT e a BAI.

Por Despacho n.º 12555/2006 (2ª série) do Diário da República, a ETAT passou a ter a designação de Escola de Tropas Pára-quedistas (ETP).

Durante o ano de 2006 decorrem as comemorações do 50.º Aniversário das Tropas Pára-quedistas, em Março realiza-se a cerimónia de recepção do 3.º BPARA, após regresso do Kosovo e em Junho realiza-se o exercício de escalão Brigada, Apolo 06.

Em Julho de 2006, um grupo de Pára-quedistas do 1.º BPARA embarca para o Afeganistão no âmbito da ISAF¹³ e em Setembro, partem Pára-quedistas do 1.º BPARA para o Kosovo no âmbito da KFOR.

Em Novembro de 2006 realiza-se o exercício Lusíada 06 e em Dezembro é lançado o livro dos 50 anos da Escola de Tropas Pára-quedistas. Em Fevereiro de 2007 dá-se a transferência de autoridade entre a QRF/FND/ISAF IX e a QRF/FND/ISAF X. Em Março realiza-se a cerimónia de recepção do 1.º BPARA que regressam do Afeganistão e em Abril realiza-se a cerimónia de recepção do 1.º BPARA que regressam do Kosovo.

Em Julho comemora-se os cinquenta anos da actividade cinotécnica nas Tropas Pára-quedistas e em Agosto realiza-se a cerimónia de transferência de autoridade para o 2.º BPARA no Afeganistão, de acordo com (BoinaVerde, 2007).

2.3. A BRIGADA DE PÁRA-QUEDISTAS LIGEIRA

De acordo com (Machado C. Silva, 1994) o Corpo de Tropas Pára-quedistas é criado a 5 de Julho de 1975 e com o apoio da Chefia da Força Aérea cria a BRIPARAS, que dispõe de cinco unidades distribuídas por: Monsanto, com o Comando e Estado-Maior e a Base Operacional de tropas Pára-quedistas n.º 1 (BOTP1); Tancos, com a BETP; e em São Jacinto, com a BOTP2 e com o Grupo Operacional de Apoio e Serviços.

De acordo com a organização do Corpo de Tropas Pára-quedistas da FAP de 1992, compete à BETP, para o cumprimento da sua missão: executar a preparação militar geral de todo o pessoal destinado a servir como pára-quedista no CTP; executar a preparação complementar do pessoal pára-quedista; efectuar cursos e estágios de carácter especializado para a formação ou aperfeiçoamento do pessoal do CTP ou de outro pessoal

¹² Exarado na Informação n.º 04 de 17 de Fevereiro de 2003

¹³ *International Security Assistance Force*.

militar ou civil; efectuar ou apoiar a instrução de treinadores e tratadores de cães de guerra destinados à segurança das Unidades do CTP; efectuar estudos e experiências de carácter técnico ou tático, tendo em vista o aperfeiçoamento de conhecimentos e difusão dos resultados pelas unidades do CTP; manter permanentemente operacional um destacamento Aeroterrestre e um Batalhão de Pára-quedistas prontos a ser integrados na BRIPARAS; articular os seus reservistas em unidades e subunidades operacionais de forma a permitir uma rápida mobilização e entrada em combate; em situações operacionais continuar a apoiar administrativamente o seu pessoal destacado na BRIPARAS, procedendo ao seu recompletamento, quando solicitado; apoiar as autoridades civis e a população dentro dos limites superiormente fixados; e com os meios ao seu dispor cooperar no desenvolvimento do pára-quedismo civil.

O CTP levanta em caso de guerra a BRIPARAS constituída por Comando e Estado-Maior, Companhia de Comando, Batalhões de Pára-quedistas n.º 11, n.º 21 e n.º 31, Companhia de Morteiros Pesados, Companhia Anti-Carro, Companhia de Comunicações, Companhia de Forças Especiais, Grupo Operacional Aeroterrestre e Grupo Operacional de Apoio de Serviços.

O Comando do CTP opta por concentrar a BRIPARAS em São Jacinto e as unidades operacionais aquarteladas em Monsanto são transferidas para São Jacinto entre 1987 e 1991, sendo a BOTP n.º 1 extinta.

O CTP é constituído por aproximadamente 2000 militares, dos quais, Oficiais, Sargentos e Praças, especializados em pára-quedismo militar, à data do anúncio público da transferência das Tropas Pára-quedistas da FAP para o Exército.

O primeiro exercício conjunto das Tropas Pára-quedistas com o Exército desde 1978 tem lugar em Julho de 1993, materializando-se como o primeiro facto da integração das Tropas Pára-quedistas neste ramo das Forças Armadas.

É com o Despacho n.º 44/MDN/93, de 2 de Abril de 1993, que se estabelece a data de 1 de Janeiro de 1994 para a transferência das Tropas Pára-quedistas para o Exército.

2.4. A BRIGADA AEROTRANSPORTADA INDEPENDENTE

De acordo com (Comando Operacional das Forças Terrestres, 1994), o Conselho Superior de Defesa Nacional, aprova o novo Sistema de Forças Nacional, a 12 de Julho de 1991, que provoca profundas reformas estruturais no Exército, como é o caso da criação do Comando das Tropas Aerotransportadas e da Brigada Aerotransportada Independente.

Na sessão do Conselho de Chefes de Estado-Maior, de 24 de Março de 1993 é decidido aprovar a missão da BAI e a data de 1 de Janeiro de 1994 para a transferência das Tropas Pára-quedistas para o Exército, aceitar o programa de Instrução das Tropas Comandos e aceitar também o calendário de levantamento da BAI, assim como os respectivos estados de prontidão.

A BAI tem as suas subunidades aquarteladas em Tancos, no CTAT, com o Comando e Companhia de Comando e o 1.º Batalhão de Infantaria Aerotransportado (BIAT), na ETAT, com o 3.º BIAT, na AMSJ com o 2.º BIAT, o Batalhão de Apoio de serviços, a Companhia Anti-Carro, a Companhia de Transmissões e a Companhia de Morteiros Pesados. Esta organização não se mantém como apresentada durante todo o seu período de actividade, sofrendo algumas modificações, fruto do planeamento de activação de novas unidades, como também de circunstâncias relativas ao pessoal, instalações e materiais.

A estrutura operacional da BAI articula-se no 1BIPara, no 2BIPara, no GAC, no ERec, na Companhia Anti-Carro, na BAAA, na CEng, na CTm, no Pelotão de Precursores, no Batalhão de Apoio de Serviços e CCS de acordo com (Cordeiro, 2006).

A missão do CTAT é “comandar e administrar as suas unidades e órgãos territoriais e as suas áreas de treino e instrução, sem prejuízo das competências funcionais e técnicas exercidas por outros comandos; preparar, dirigir e controlar as operações de instrução, convocação, mobilização, desmobilização e requisição do pessoal destinado às Tropas Aerotransportadas, conforme a legislação e directivas superiores; inspeccionar a instrução dos militares destinados ao CTA e às Tropas Aerotransportadas; planear e executar as operações terrestres e o apoio logístico das forças que lhe forem atribuídas, de acordo com as directivas e planos operacionais estabelecidos superiormente; cumprir outras missões ou realizar outras tarefas, que lhe sejam cometidas superiormente, de acordo com a legislação em vigor; e sem prejuízo das tarefas anteriores, e de acordo com as directivas e planos estabelecidos, colaborar nas acções desenvolvidas por outros organismos do Estado nos termos da Lei em vigor, e naquelas que se relacionem com a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade das populações”. No que respeita à missão da BAI é “participar na defesa do território nacional; participar em acções de salvaguarda de interesses nacionais; e contribuir para a satisfação dos compromissos internacionais, assumidos pelo País” (COFT, 1994).

“A Brigada Aerotransportada Independente, como elemento da componente operacional do SFN, é a Grande Unidade como escalão de Forças que integram unidades operacionais, dispondo de uma organização equilibrada de elementos de Comando, de Manobra e de Apoio, que lhe permitem efectuar o treino operacional e conduzir operações independentes” (COFT, 1994).

“A designação Infantaria Pára-quedista e a especialidade Pára-quedista substituem a 20 de Agosto, por Despacho do Chefe de Estado-Maior do Exército, as anteriores Infantaria Aerotransportada e Aerotransportado” (Machado T.-C. S., 2003) e de acordo com o mesmo autor, na altura da transferência, é reconhecida não só a forte identidade existente no antigo CTP como a importância que as unidades de elite em geral atribuem aos seus símbolos. Neste sentido é mantida a boina verde como principal elemento identificador do militar Pára-quedista e manteve-se o distintivo do curso, vulgo *brevet*. Em 1994 é criada pela secção de

Heráldica da Direcção de Documentação e História Militar, com a colaboração estreita do CTAT, a nova heráldica das unidades do CTAT e da BAI, até ao escalão companhia independente. Trata-se, juntamente com as decisões de manter a boina verde e *brevet*, de um trabalho importante, senão determinante, para ajudar a manter intacto o espírito de corpo na nova unidade.

2.5. A BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA

- **O SISTEMA DE FORÇAS NACIONAL**

O Exército Português é a componente terrestre do Sistema de Forças Nacional e integra uma componente operacional materializada pela FOPE e uma componente fixa que assenta na Estrutura Base do Exército (EBE) e na Estrutura de Comando do Exército (ECE). Da FOPE fazem parte, três Unidades de Escalão Brigada, sendo elas: a Brigada de Intervenção (BrigInt), com sede em Coimbra; a Brigada Mecanizada (BrigMec), com sede em Santa Margarida e a Brigada de Reacção Rápida (BrigRR), com sede em Tancos.

Para efeitos deste trabalho analisa-se apenas a BrigRR, e esta é constituída essencialmente por três tipos de forças: Tropas Comandos, Tropas de Operações Especiais e Tropas Pára-quedistas, sendo estas últimas as que apresentam maior peso quantitativo, no entanto é de extrema importância fazer uma ressalva para que não se caia no erro de se considerar esta Brigada como uma Brigada Pára-quedista.

Em 2006 é extinto o Comando de Tropas Aerotransportadas (CTAT) e inicia-se o processo de afiliação da BrigRR ao COMARRC (*Command Allied Rapid Reaction Corp*). A 1 de Julho deste mesmo ano, a BrigRR é considerada apta a conduzir operações do âmbito operacional.

- **A MISSÃO**

A sua missão consiste em participar na defesa do território nacional, em acções de salvaguarda dos Interesses Nacionais e contribuir para a satisfação dos compromissos internacionais assumidos pelo Estado Português no quadro das Alianças e outros, segundo (Páras, 2007).

Participa na Defesa do Território Nacional, na medida em que se mantém pronta para rapidamente desenvolver acções contribuintes para a manutenção da integridade do Território Nacional quer em acções isoladas, quer em ambiente conjunto ou combinado, sendo a única unidade do Exército com capacidade de proporcionar a essa defesa, o vector aéreo. É ainda, a unidade do Exército que mais rapidamente consegue reforçar o dispositivo dos Arquipélagos da Madeira e Açores.

Participa em acções de salvaguarda dos interesses nacionais com Unidades de Escalão Batalhão em Forças Nacionais Destacadas, tendo constituído na esmagadora maioria das vezes a *Initial Entry Force* da participação portuguesa nessas operações.

A Brigada cede ainda forças para a FRI do EMGFA, com capacidade para gerir situações de Crise, particularmente na evacuação de cidadãos nacionais de territórios em crise ou conflito.

Contribui para a satisfação de compromissos internacionais assumidos, uma vez que herdou a afiliação ao ARRC da NATO que a BAI mantinha desde 1994. Quando é cedida ao ARRC actua na sua dependência directa. Resultante desta afiliação as forças da BrigRR têm participado em forças de elevada prontidão NATO (NATO Response Forces), com certificação internacional, nomeadamente NRF 6 e NRF 10.

Apoia ainda as populações em situação de calamidade e é um instrumento de política externa do Estado, na medida em que auxilia o Estado Português a cumprir os compromissos assumidos por este.

- **ASPECTOS ORGANIZACIONAIS INTERNOS**

A BrigRR congrega na mesma Unidade, as Forças de Operações Especiais, dos Comandos e dos Pára-quedistas, conjugando-as com uma Unidade de Helicópteros, no sentido de lhes facultar meios aéreos de transporte. A Brigada pode contar com alguns apoios de outras unidades do Sistema de Forças Nacional, nomeadamente em reconhecimento pelo ERec, em engenharia pelo Pelotão de Engenharia também com o Pelotão de Artilharia Antiaérea. A BrigRR conta ainda com um Batalhão de Apoio Aeroterrestre. Esta unidade proporciona apoio em Abastecimento Aéreo, Equipamento Aeroterrestre e Percursos Aeroterrestres.

Uma característica fundamental da BrigRR é a capacidade de reacção rápida, o que implica que a BrigRR tenha, constantemente, forças em estado de prontidão operacional, de acordo com as categorizações definidas pela *North Atlantic Treaty Organization* (NATO).

A BrigRR assegura a capacidade de projecção de uma força de escalão Brigada para operar em cenários e missões que requeiram forças ligeiras de reacção rápida, incluindo a atribuição de uma Brigada à NATO, no âmbito das *NATO Force Goals*.

Segundo (Costa, 2008) a capacidade de reacção rápida consegue-se com treino apurado, decorrente dos exercícios levados a cabo durante o ano, proporcionando capacidades de treino, para que tenha a prontidão operacional, com capacidade operacional num curto espaço de tempo. São também necessários os meios materiais imprescindíveis, como os pára-quedas, para que se possa fazer o envolvimento vertical e a projecção da Brigada, a fim de permitir a actuação como *Initial Entry Force*¹⁴.

¹⁴ Força lançada para um terreno hostil ou semi-hostil, num ambiente não permissivo, no qual tem de criar uma cabeça-de-ponte aérea, criada pelas Tropas Pára-quedistas e controlar um ponto de

ENQUADRAMENTO DAS TROPAS PÁRA-QUEDISTAS NO SEIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS 17

Os objectivos do treino operacional são definidos pela BrigRR, para o qual tem de estar preparada, a nível nacional e internacional. O primeiro nível consiste no treino das tarefas de *Initial Entry Force*, que tem vindo a desenvolver desde que foi criada, com o segundo nível, pretende-se que Portugal seja *Framework* para a constituição de um *Battlegroup*¹⁵ e que haja um Comando de Brigada certificado pela NATO. Ainda no nível internacional é também objectivo da BrigRR participar em todas as actividades do *Allied Rapid Reaction Corp* (ARRC).

A BrigRR está apta a actuar em todo o tipo de missões do Artigo 5.º em todo o espectro da conflitualidade, estando o tempo da missão dependente dos meios colocados à sua disposição.

De acordo com a Directiva de Comando Nº 03/BrigRR/07¹⁶, a actual reestruturação da BrigRR passa pelos quadros orgânicos, pela implantação de novas Unidades e pelo enriquecimento das Unidades em meios humanos e materiais.

Sete Regimentos estão sob o comando completo do General Comandante da Brigada, sendo eles: o RI3, o RI10, o RI15, o Centro de Tropas Comando, o Centro de Tropas de Operações Especiais, a Escola de Tropas Pára-quedistas e a Unidade Helicópteros do Exército, como se constata na Figura 2.

A diversidade de forças da Brigada é o que lhe confere as especificidades reconhecidas nacional e internacionalmente, por poder utilizar todas elas em prol de um mesmo objectivo, constituir-se como *Initial Entry Force*.

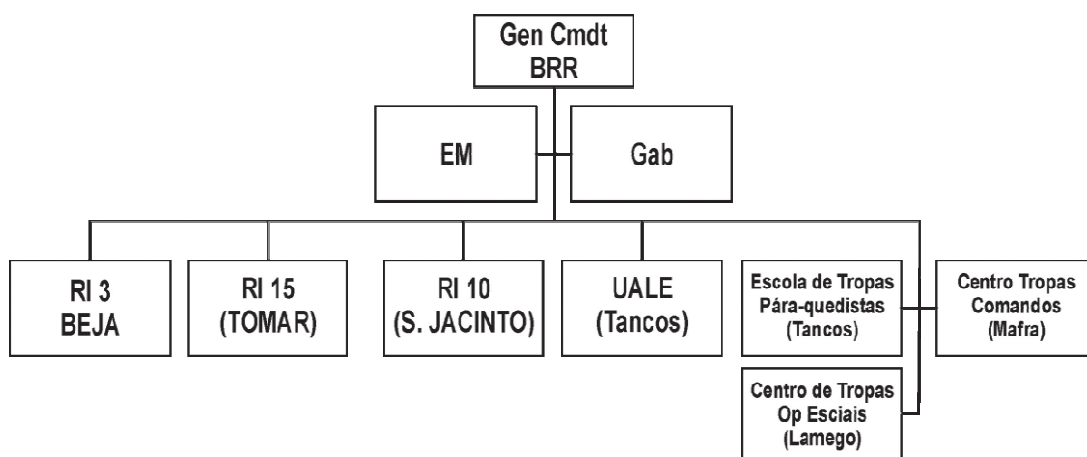


Figura 2: Estrutura fixa da dependência hierárquica do Comando da BrigRR

desembarque aéreo para permitir a aterragem de meios aéreos para poder a partir daí expandir a força no terreno.

¹⁵ Estrutura básica de uma força de combate, constituída na sua generalidade por um Batalhão de Infantaria, geralmente de comando de Tenente-Coronel.

¹⁶ Pode ser consultada no Anexo A- Directiva DE COMANDO Nº03/BrigRR/07

- **POSSIBILIDADES, PONTOS FORTES E FRACOS**

Um ponto forte da Brigada é o factor Humano, que tem especial relevância na sua formação, treino e eventualmente na sua maior motivação, devido às missões em que os militares da Brigada estão inseridos. Este factor decorre também da mística que cada soldado tem ao acreditar na boina que usa e na especialidade que tem, principalmente nas Tropas Comandos, nas Tropas de Operações Especiais e nas Tropas Pára-quedistas.

Outro ponto forte é a capacidade técnica, nomeadamente das Tropas Pára-quedistas, que têm a especificidade de saltar em pára-quedas. Isto remete para um outro ponto forte, o treino, tanto na vertente técnica do salto, como na vertente operacional, consubstanciada em diversos exercícios realizados.

A coesão do comando é outro factor que se evidencia como ponto forte, através do trabalho executado em conjunto para o cumprimento das directivas do General Comandante¹⁷.

Segundo (Costa, 2008) a Brigada depara-se com alguns problemas, tais como o recrutamento, especialmente nas Tropas Pára-quedistas, a logística, as viaturas tácticas adaptadas às especificidades da Brigada e o armamento e o equipamento. Na Figura 3 pode-se observar a origem de forças tão distintas, como apresentam as Tropas Comandos, as Tropas de Operações Especiais e as Tropas Pára-quedistas, mas tal não se constitui numa vulnerabilidade, de acordo com a Directiva de Comando n.º 03/BrigRR/07¹⁸, o centro de gravidade desta Brigada é o consolidar da coesão, pelas características específicas de cada tipo de tropas. Este esforço para manter as tropas coesas não pode contudo desprezar ou esquecer as especificidades e tradições de cada uma. Procura-se consolidar a coesão através do treino, da actividade operacional, das cerimónias e da constituição de *task forces*¹⁹ com elementos das diferentes forças. Uma das vulnerabilidades da BrigRR é a dispersão territorial, atendendo à disposição das diferentes Unidades pelo território nacional, desde Beja, com o RI3, a Lamego, com o CTOE.

Os meios de transporte táctico, quer para transportar material de reabastecimento, quer para transportar armamento, apresentam-se como um ponto fraco da BrigRR, uma vez que esta tem uma fraca capacidade de depois de estar no terreno se deslocar.

Outro ponto fraco da BrigRR é a inexistência de helicópteros na Unidade de Helicópteros do Exército, que propiciam alguma capacidade de transporte. A BrigRR não tem reconhecimento aéreo nem transporte aéreo próprios, assim como não tem capacidade de ataque aéreo com meios orgânicos da Brigada.

Os sistemas de Comando, Controlo e Transmissões apresentam-se também como um ponto fraco, devido a não estarem a ser plenamente utilizados, uma vez que os novos meios

¹⁷ Major General Comandante da Brigada de Reacção Rápida Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo.

¹⁸ Pode ser consultada no Apêndice C.

¹⁹ Unidade ou formação estabelecida temporariamente para uma missão.

se encontram em adaptação e ainda estão numa fase de testes, para uma futura implementação, a curto prazo, no Exército.



Figura 3: Cerimónia Militar do dia da BrigRR.

Fonte: Estado-Maior da BrigRR

A BrigRR tem capacidades para projectar e empenhar, de forma sustentada e contínua, forças de elevada prontidão para todo o espectro de missões e cenários, principalmente para as que requeiram prioritariamente forças ligeiras capazes de participarem em Operações de Resposta a Crise, bem como no combate ao Terrorismo e crime organizado. Pode projectar e empenhar uma força de escalão Brigada num único Teatro de Operações, recebendo para o efeito os meios adequados de apoio. À custa dos meios orgânicos, pode garantir a mobilidade táctica, flexibilidade de emprego e a resposta rápida, designadamente em operações aeromóveis, de reconhecimento e vigilância. Tem capacidade para garantir a mobilidade táctica, a flexibilidade de emprego e de resposta rápida, através da condução de operações aerotransportadas de forma isolada ou em forças conjuntas ou combinadas. Pode conduzir operações especiais de forma autónoma ou contribuído para forças conjuntas ou combinadas em todo o espectro de missões. Pode controlar e vigiar pontos sensíveis de infra-estruturas críticas, pode reforçar as outras forças do Sistema de Forças Nacional em qualquer parte do território nacional.

Com o rol de capacidades que a BrigRR apresenta constitui-se como um elemento fundamental e indispensável, de um Exército que se pretende moderno, adequadamente sustentado, capaz de actuar em todo o Espectro de Conflitos da actualidade, particularmente de forma Combinada e Conjunta.

II PARTE - PRÁTICA

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1. INTRODUÇÃO

O presente capítulo pretende descrever o tipo de instrumentos utilizados para a recolha de dados, assim como as condições da sua aplicação. Importa também nesta fase caracterizar a amostra da população em estudo, assim como, e por fim, os procedimentos no tratamento estatístico dos dados, que são a fonte principal desta parte do estudo que agora se inicia.

3.2. MÉTODO DE ABORGAGEM

O estudo foi conduzido primeiramente na ETP, em Tancos, a partir de 26 de Fevereiro do corrente ano, altura em que se elaborou parte da análise documental, e numa segunda fase na Academia Militar, em Lisboa, a partir de 28 de Julho. A primeira fase do estudo teve um interregno a 11 de Abril, para o autor exercer a Prática de Comando, em que foi ministrada uma Formação Geral Comum de Praças do Exército Extraordinária, na Póvoa de Varzim. Com o seu término, retomou-se o estudo a 28 de Julho, como foi referido anteriormente, até à data da entrega do mesmo, no dia 26 de Agosto. Durante este segundo período foi aplicado o método inquisitivo, assim como a análise e interpretação do respectivo inquérito.

Este método, de acordo com Coelho (2008) é baseado num interrogatório, que pode adoptar a forma escrita ou oral, tendo no presente estudo sido utilizados ambos, o escrito nos inquéritos e o oral na entrevista.

Para a aplicação dos inquéritos foi necessário o deslocamento ao RI1, na Carregueira, nos dias 29 e 30 de Julho, e à BrigMec, em Santa Margarida e à ETP, nos dias 31 de Julho e 4 de Agosto. Os inquéritos aplicados no CTOE foram enviados por correio electrónico, acompanhados de um Oficial responsável pela sua aplicação, em conformidade com o autor e das instruções para o seu preenchimento assim como objectivo a que se destina.

Segundo D'Oliveira (2002), os contextos apresentam características singulares que influenciam outros aspectos da metodologia, como as características dos participantes. O contexto utilizado é, nesta medida, relevante para o estudo, daí a referência aos locais em que teve lugar.

3.3. PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

Com a intenção de definir um objectivo preciso, opta-se numa fase inicial por fazer uma análise documental, em termos gerais, com vista a construir entrevistas exploratórias de significativa pertinência. Estas são realizadas a militares no activo, reserva e reforma, abrangendo um vasto leque de informação, com o objectivo dos dados provenientes auxiliarem a construir um modelo de entrevista fincado nos dados que se pretendem recolher, assim como, na construção de um inquérito.

São estes procedimentos que nos remetem para a importância da entrevista e dos inquéritos realizados.

3.3.1. ENTREVISTA

Opta-se neste procedimento pela entrevista individual estruturada, que de acordo com Coelho (2008) é uma entrevista em que apenas se inquiri um indivíduo, da qual se deve recolher o nome, o cargo, as habilitações literárias, o local, a data e a hora em que a entrevista ocorreu e é estruturada quando o entrevistado responde apenas ao conjunto de questões que fazem parte do guião.

Por questões de objectividade e fidelidade, optamos por entrevistar o Chefe de Estado-Maior da BrigRR²⁰. O cariz profícuo desta entrevista encontra-se espelhado no conhecimento, inerente à responsabilidade das suas funções, que este militar alberga, não só das Tropas Pára-quedistas como também das restantes forças que constituem a Brigada.

3.3.2. INQUÉRITO

Para Quivy & Campenhoudt (1992) “O inquérito por questionário de perspectiva sociológica distingue-se da simples sondagem de opinião pelo facto de visar a verificação de hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem”.

Segundo Coelho (2008), o inquérito é, como instrumento de pesquisa, um mecanismo que permite a recolha de dados que demonstram a percepção dos participantes relativamente ao objecto de estudo. Consequentemente torna-se exequível o processamento e tratamento de dados quantitativos no âmbito estatístico, confirmando ou não, as hipóteses levantadas.

Devido a questões de tratamento estatístico opta-se por constituir um inquérito de respostas fechadas. Por se tratar de um estudo pioneiro, não foi encontrado nenhum instrumento validado que pudesse ser útil. Daí que, por questões de objectividade, fidelidade e validade, a preparação do inquérito utilizado conta com as seguintes etapas. Em primeiro lugar conceptualiza-se um modelo que contenha todo um vasto conjunto de perguntas relativas à percepção das e quanto às Tropas Pára-quedistas. No entanto, cinge-se às questões que se relacionam directamente com os objectivos em estudo. Para verificar que

²⁰ A entrevista pode ser consultada no Apêndice A.

essas questões são de simples compreensão e que medem o pretendido, realiza-se o teste de coerência e validação, tendo sido aplicadas a dez militares não pertencentes à amostra. Após esta fase, em que se fazem as correcções necessárias, elabora-se o questionário definitivo e realiza-se o pré-teste, após o qual se procede à aplicação efectiva dos inquéritos.

A amostra inquirida é constituída por noventa elementos da BrigRR, trinta elementos de cada Força Especial e trinta elementos da BrigMec, perfazendo um total de cento e vinte militares. Estes são uniformemente repartidos por Oficiais, Sargentos e Praças, perfazendo 10 militares de cada classe. A necessidade de ter a percepção de uma Força não Especial pertencente ao Exército surge na medida em que a percepção pressupõe uma visão exterior à organização, tendo sido realizado o inquérito a elementos da BrigMec.

A amostragem foi calculada com base no teorema da média, onde uma amostra igual ou superior a trinta elementos é considerada válida, mas não representativa da totalidade da população.

A amostra deste estudo é uma amostra não probabilística, em que os critérios de selecção dos elementos para a amostra são mais subjectivos que na probabilística. No entanto a amostra está definida de forma clara, apresentando os critérios que levam à inclusão na amostra. O tamanho da amostra pode ser realizado segundo três opções: os recursos disponíveis, regras de algibeira e a potência de um teste (D'Oliveira, 2002, *in* Hill e Hill 2000). A amostra em causa é por conveniência, existindo neste estudo, circunstâncias que se tornam impraticáveis na utilização de uma amostra probabilística, essencialmente no que concerne aos recursos disponíveis.

O inquérito utilizado²¹ é composto por três grupos de questões/afirmações. Na primeira questão do primeiro grupo, os inquiridos respondem consoante a sua situação, ou seja, se são Comandos, Pára-quedistas, Operações Especiais ou apenas do Exército, sem possuir nenhum dos cursos anteriores. Os inquiridos podem ser simultaneamente Comandos, Pára-quedistas e Operações Especiais, no entanto, no âmbito deste estudo, como Pára-quedista considera-se apenas um militar que está no activo numa Unidade Pára-quedista. Na segunda questão responde qual é a classe a que pertence (Oficial, Sargento ou Praça).

No segundo grupo os inquiridos respondem às oito questões, caso não sejam Pára-quedistas, caso sejam, respondem apenas às sete primeiras.

No terceiro e último grupo as questões são apenas dirigidas aos militares Pára-quedistas, devido aos assuntos abordados serem apenas referentes ao seio das Tropas Pára-quedistas.

Todas as questões têm as mesmas possibilidades de resposta, que se apresentam em cinco níveis: 1- Discordo muitíssimo ou totalmente; 2- Discordo muito; 3- Não concordo nem discordo; 4- Concordo muito; 5- Concordo muitíssimo ou totalmente.

²¹ Pode ser consultado no Apêndice B.

3.4. MEIOS UTILIZADOS

Por questões de dispersão da amostra, o inquérito foi respondido em fotocópias do guião e em suporte informático, enviados por correio electrónico.

Para a entrevista foi utilizado um gravador de voz, que permitiu a transcrição da mesma para suporte informático.

Foi utilizado o Microsoft Office 2007 assim como o programa de tratamento estatístico, SPSS 15.0 *for Windows Evaluation Version*.

3.5. CONCLUSÃO

No que respeita a esta parte prática do estudo, conclui-se que a análise documental é bastante importante, no entanto a entrevista e os inquéritos, são estruturais e imprescindíveis para o valor científico obtido com o desenvolver do estudo.

CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. INTRODUÇÃO

No corrente capítulo apresentam-se os resultados procedentes do tratamento estatístico, bem como a sua análise, seguida da discussão.

A apresentação tem como objectivo caracterizar a totalidade da amostra relativamente às variáveis que se pretendem estudar, de acordo com os objectivos de estudo já referidos.

3.2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS INQUÉRITOS

Apresenta-se e analisa-se agora os resultados das respostas dadas às questões do inquérito aplicado.

Vai-se primeiro analisar o ponto de vista das Tropas Comandos, seguido do ponto de vista das Tropas de Operações Especiais, da BrigMec e finalmente das Tropas Pára-quedistas, sendo imediatamente após analisadas também às questões do grupo III, respondidas apenas por estes elementos.

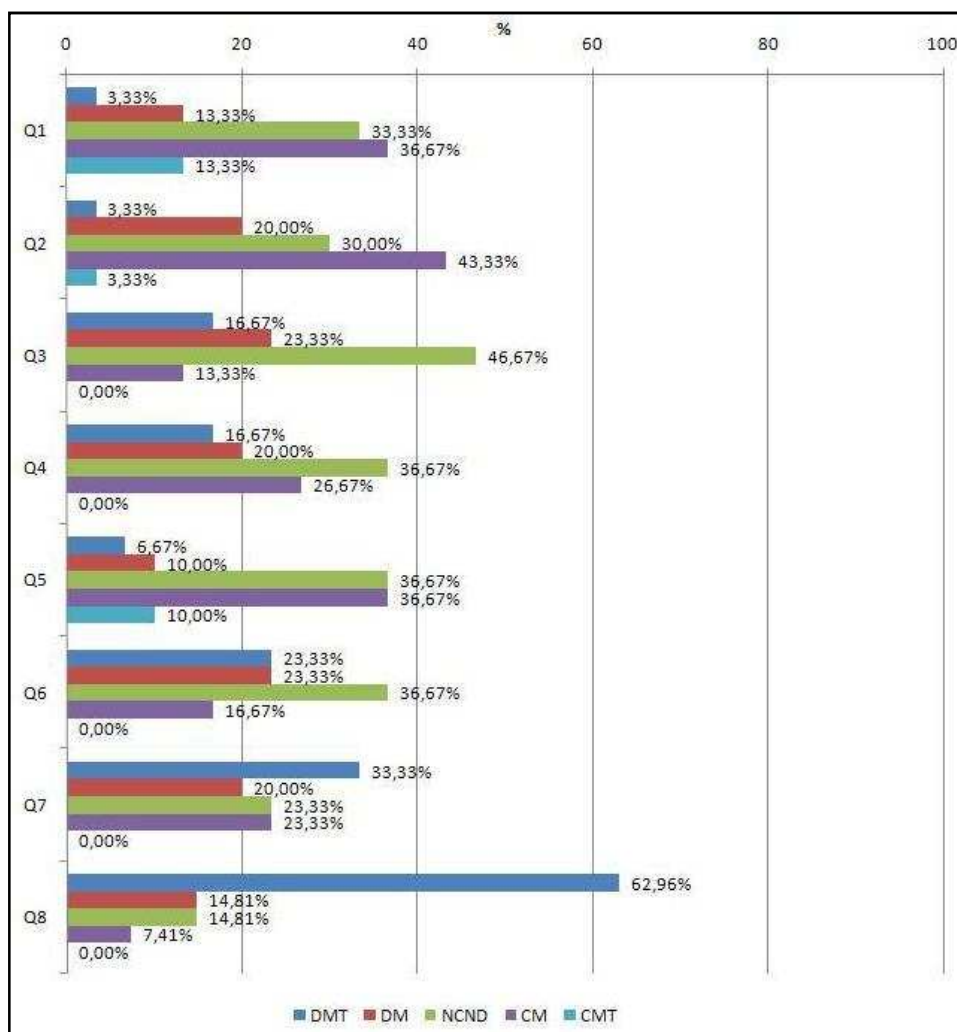
No gráfico cada questão é designada por “Q”, seguindo-se o número da questão, sendo que na apresentação e análise de resultados, esta aparece na sua totalidade. Opta-se por este procedimento dado que facilita a visualização do gráfico.

3.2.1. TROPAS COMANDOS

No Quadro 1 estão descritos os resultados às oito questões aplicadas aos militares dos Comandos²², independentemente da classe a que pertencem.

Pode-se constatar na Q1 (É fundamental, para o Exército, a existência de Tropas Pára-quedistas no seu seio) que são poucos os militares que não vêem com importância a existência das Tropas Pára-quedistas no Exército, aproximadamente 3%. A percentagem de militares que concordam muito é a mais elevada, seguida de perto pelos que não têm uma opinião formada, respectivamente de 36 e 33%.

²² O Quadro da Situação Tropas Comandos com o tratamento estatístico pode ser consultado no Apêndice D.



Quadro 1: Distribuição das respostas obtidas pelos Comandos.

Na Q2 (É fundamental, para as Tropas Pára-quedistas, a sua existência no Exército) a diferença entre quem concorda muito e quem discorda totalmente ou concorda totalmente é muito vincada, variando dos 43% para os 3%.

A Q3 (As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem no seio do Exército) é a que apresenta o maior número de militares que não expressam a sua opinião, quase 47%, tomando partido por uma das partes. De salientar que ninguém responde concordar totalmente.

À Q4 (Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército) também ninguém responde concordar totalmente. Tal como na questão anterior, a percentagem de quem responde discordar totalmente é significativa, perto de 17%. A percentagem de quem não tem uma opinião formada também é elevada, quase 37%.

Na Q5 (A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada

uma) não se torna fácil analisar as respostas devido à percentagem de quem toma uma posição e de quem toma outra posição contrária ser equivalente.

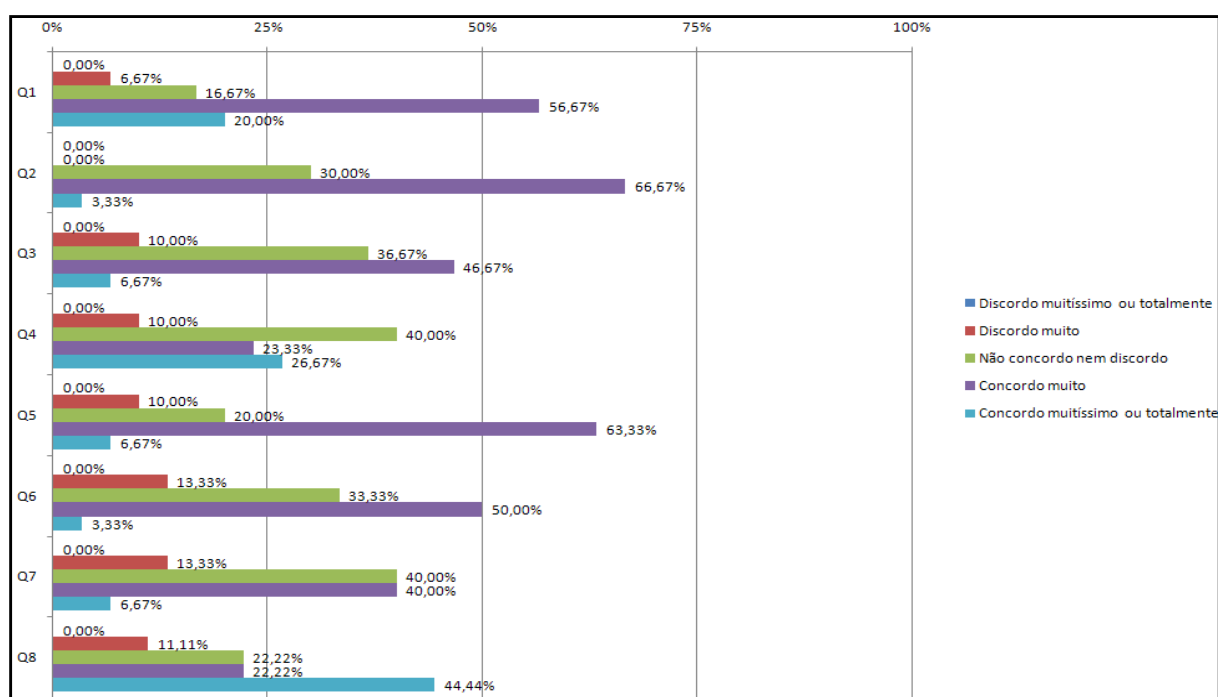
No que respeita à Q6 (O modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas) mais uma vez ninguém responde concordar totalmente. Há também uma grande percentagem, 23%, de quem discorda muito ou totalmente.

Há na Q7 (Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas) uma grande discórdia dos Comandos, mostrando desagrado em trabalhar com os Pára-quedistas. Esta percentagem é de 33% contra os 0% dos que concordam totalmente.

É na Q8 (Gostaria de ingressar ou de ter ingressado nas Tropas Pára-quedistas) que se torna evidente a reacção dos Comandos para com os Pára-quedistas, mostrando a falta de interesse ou gosto em poder ser também Pára-quedista. A percentagem de quem discorda totalmente é de praticamente 63% contra os 0% de quem concorda totalmente.

3.2.2. TROPAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

São agora descritos, no Quadro 2, os resultados às oito questões aplicadas aos militares de Operações Especiais²³, independentemente da classe a que pertencem.



Quadro 2: Distribuição das respostas obtidas pelas Operações Especiais.

Na Q4 (Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército), a

²³ O Quadro da Situação Tropas de Operações Especiais, com o tratamento estatístico, pode ser consultado no Apêndice E.

segunda maior percentagem é a de quem concorda totalmente, com quase 27%, verificando-se já uma diferença muito significativa para os Comandos, que era nula.

A Q5 (A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma) apresenta também uma elevada percentagem de quem concorda muito, que demonstra mais uma vez uma maior receptividade aos Pára-quedistas, neste caso para aumentar o desempenho de cada força.

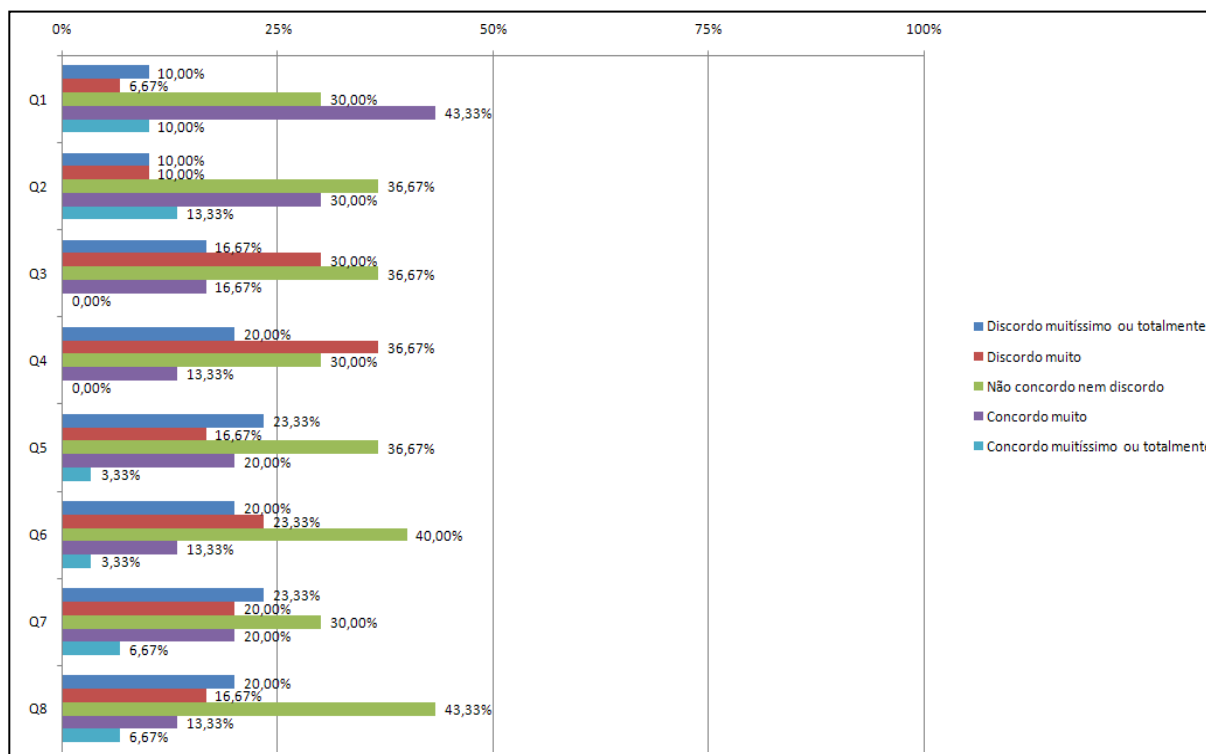
Na Q6 (O modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas) verifica-se ainda uma grande percentagem de quem concorda muito, de 50%, seguida de 33% para quem não tem uma ideia formada.

A Q7 (Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas) já deixa os militares mais apreensivos neste aspecto, no entanto ainda há uma percentagem de 40% tanto para quem concorda muito como para quem não concorda nem discorda.

É na Q8 (Gostaria de ingressar ou de ter ingressado nas Tropas Pára-quedistas) que se nota a maior diferença com a opinião dos Comandos. 44% dos militares de Operações Especiais gostava de tirar o curso de Pára-quedismo, ao contrário dos 0% dos Comandos.

3.2.3. BRIGADA MECANIZADA

São agora descritos, no Quadro 3, os resultados às oito questões aplicadas aos militares da BrigMec²⁴, independentemente da classe a que pertencem.



Quadro 3: Distribuição das respostas obtidas pelos militares da BrigMec.

²⁴ O Quadro da Situação BrigMec, com o tratamento estatístico, pode ser consultado no Apêndice F.

Na Q1 (É fundamental, para o Exército, a existência de Tropas Pára-quedistas no seu seio) está patente a maior percentagem de quem diz concordar muito de todas as questões aplicadas à BrigMec, 43%

Analisando a Q2 (É fundamental, para as Tropas Pára-quedistas, a sua existência no Exército) verifica-se que a percentagem de quem concorda muito ainda é grande, 30%, mas a opção que teve maior frequência de respostas foi a de quem não tem uma opinião formada.

Verifica-se uma percentagem igual à questão anterior, na Q3 (As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem no seio do Exército) relativamente aos que não evidenciam a sua opinião, não havendo nenhum inquirido a responder que concorda muitíssimo ou totalmente.

É na Q4 (Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército) que pela primeira vez os militares têm uma resposta mais discordante, apresentando quase 37% das respostas. De igual forma também se verifica uma percentagem muito elevada de quem discorda totalmente, 20%.

Na Q5 (A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma) obtemos a maior percentagem de quem discorda totalmente, 23%, e também uma percentagem de quem discorda muito, quase 17%.

Nesta Q6 (O modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas), há uma maior frequência de respostas de quem não refere a sua opinião, 40%, acompanhada de quem discorda muito, com 20%.

A Q7 (Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas) é a que apresenta as respostas mais consentâneas, estando a maior parte das respostas concentradas aproximadamente nos 24%.

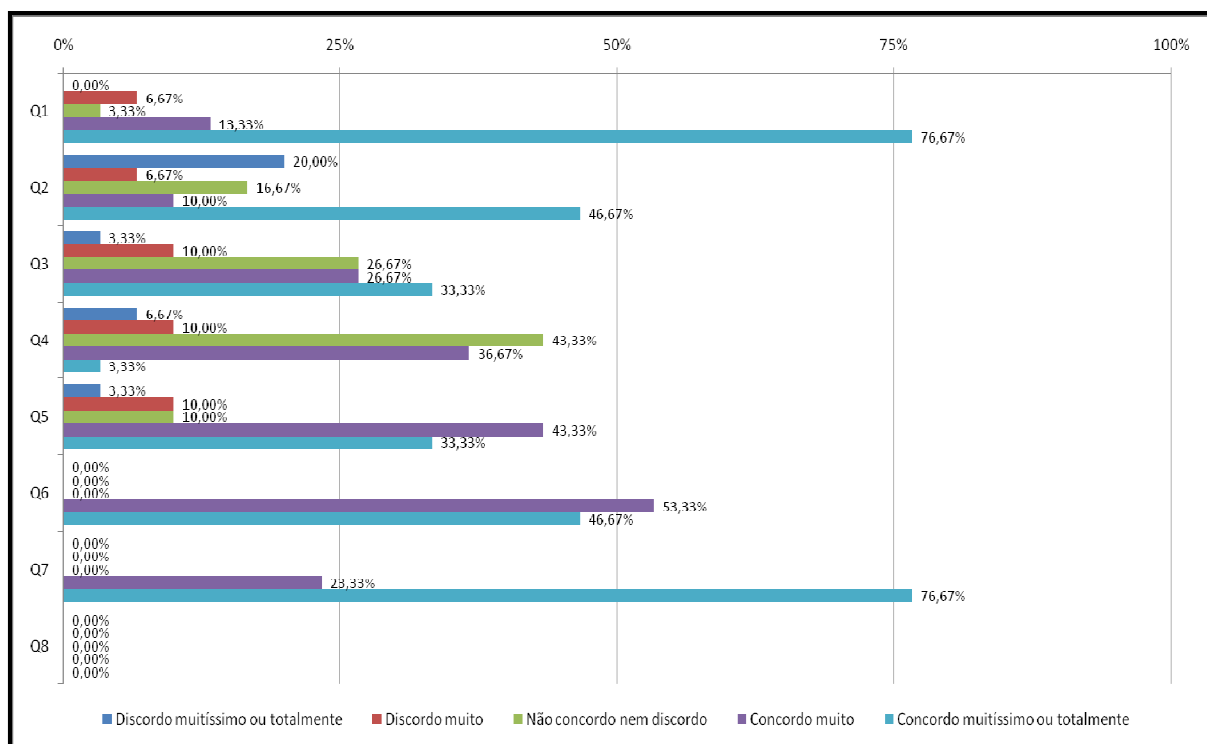
É na Q8 (Gostaria de ingressar ou de ter ingressado nas Tropas Pára-quedistas) que os militares da BrigMec evidenciam mais a sua não opinião sobre a questão. Existe também uma percentagem significativa de discordo muito e de totalmente.

3.2.4. TROPAS PÁRA-QUEDISTAS

São agora descritos, no Quadro 4 e 5, os resultados às questões aplicadas aos militares das Tropas Pára-quedistas²⁵, independentemente da classe a que pertencem.

Na Q1 (É fundamental, para o Exército, a existência de Tropas Pára-quedistas no seu seio) é quase unânime a opção pela resposta concordo totalmente, com quase 77%, que contrasta com os 0% da resposta de sentido contrário.

²⁵ O Quadro da Situação Tropas Pára-quedistas, com o tratamento estatístico, pode ser consultado no Apêndice G.



Quadro 4: Distribuição das respostas obtidas pelos Pára-quedaistas às questões aplicadas a todas as Forças.

Nesta Q2 (É fundamental, para as Tropas Pára-quedaistas, a sua existência no Exército), verifica-se ainda uma percentagem elevada de concordo totalmente, quase 47%, no entanto 20% defendem exactamente o contrário.

Na Q3 (As Tropas Pára-quedaistas têm uma boa imagem no seio do Exército) a percentagem de quem concorda totalmente é ainda a maior, com 33%, mas a frequência das respostas começa a agrupar-se mais na opção de quem não manifesta a sua opinião, que atinge uma das percentagens mais elevadas de todas as questões, com quase 30%.

A Q4 (Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedaistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército) é a que apresenta maior percentagem de quem não refere a sua opinião. A percentagem de concordo muito é significativa, com aproximadamente 37%.

A Q5 (A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedaistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma) tem ainda maior percentagem de concordo muito, com 43% e tem também 33% de concordo muitíssimo ou totalmente.

Na Q6 (O modo de estar específico das Tropas Pára-quedaistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas) todas as respostas se situam no concordo muito e totalmente, sendo de 53 e 47% respectivamente.

Na Q7 (Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas) sucede o mesmo que na anterior, mas desta vez com uma percentagem ainda maior na de quem concorda totalmente, 77% e 23% na outra opção.

A Q8 não se aplica aos Pára-quedistas, uma vez que refere se gostariam de ingressar nas Tropas Pára-quedistas.

Na Q9 (As Tropas Pára-quedistas adaptaram-se bem à passagem da Força Aérea para o Exército) há pela primeira vez uma alteração do sentido das respostas, em que 37% respondem discordar totalmente e 0% na resposta de sentido contrário, ou seja de concordar totalmente.

Na sequência da questão anterior, a Q10 (Existem melhorias, no desempenho das tarefas, resultantes da passagem da Força Aérea para o Exército) apresenta ainda uma maior percentagem de discordo muitíssimo, 50% e a percentagem de concordo muitíssimo é bastante reduzida, apenas 3%.

Na Q11 (Existem constrangimentos ao cumprimento da missão por parte das Tropas Pára-quedistas, resultantes da passagem da Força Aérea para o Exército) as respostas estão mais repartidas e equilibradas, variando desde os 10%, no discordo totalmente, aos 23%, no concordo totalmente.

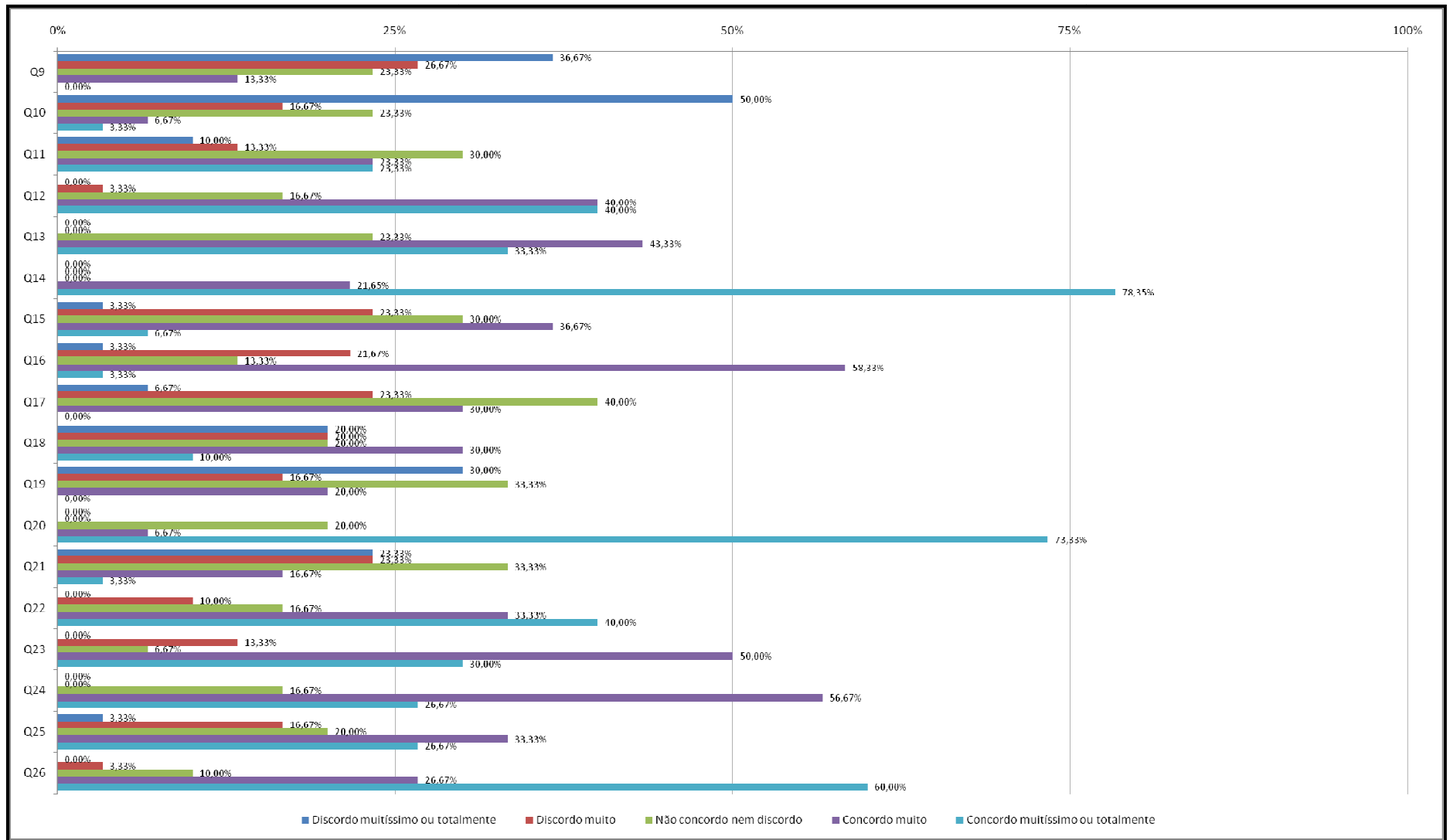
À Q12 (A conservação das tradições e simbologia existentes do tempo da Força Aérea contribuem para aumentar a coesão das Tropas Pára-quedistas) ninguém responde discordar muitíssimo, o que contrasta em muito com as respostas de 40% do concordo muito e totalmente.

Na Q13 (O treino e formação das Tropas Pára-quedistas estão adequados às missões atribuídas) também ninguém responde discordar totalmente, nem muito. Apresentando 43 e 33% de concordo muito e de concordo totalmente, respectivamente.

À Q14 (As missões internacionais realizadas pelas Tropas Pára-quedistas contribuem para uma maior motivação dos seus homens) todos responderam concordar muito ou totalmente, sendo respectivamente as percentagens de 20 e 77%.

As respostas à Q15 (O armamento e equipamento das Tropas Pára-quedistas estão adaptados à tipologia do quadro de empenhamento possível) por sua vez são mais equilibradas, em que 37% concordam muito, 23% discordam muito e 30% não concordam nem discordam.

Na Q16 (O armamento e equipamento das Tropas Pára-quedistas estão adaptados ao seu emprego operacional, nomeadamente no respeitante ao lançamento por pára-quedas) verifica-se uma diferença mais significativa entre o concordo muito, que é 57% e as restantes opções.



Quadro 5: Distribuição das respostas obtidas pelos Pára-quedistas às suas questões específicas.

Na Q17 (A constante reestruturação das “Grandes Unidades” é benéfica para a adaptação das Tropas Pára-quedistas à nova conflitualidade) volta a constatar-se um equilíbrio entre as respostas dadas pelos militares, mas desta vez a percentagem maior é de 40% e pertence a quem não tem uma opinião formada.

À Q18 (Face à actual situação, as Tropas Pára-quedistas vão conseguir continuar a aliciar os jovens a ingressar nas suas fileiras, satisfazendo as suas necessidades de pessoal), 30% responde concordar muito, 10% responde concordar totalmente, e as três restantes opções têm a mesma percentagem, 20%.

Na Q19 (Sente-se satisfeito com a sua actual condição no Exército) pode-se constatar um aumento significativo da percentagem que discorda totalmente, 30%, apresentando quase o mesmo valor de quem não expressa a sua opinião, 33%.

À Q20 (Gostaria que as Tropas Pára-quedistas voltassem a pertencer à Força Aérea Portuguesa) 73% estão completamente de acordo, não havendo nenhum militar a responder discordar muito ou totalmente.

Pode-se verificar na Q21 (A forma de cumprir as missões é a mesma de quando as Tropas Pára-quedistas pertenciam à Força Aérea) que há uma percentagem elevada de militares a responder discordar totalmente ou muito, 23,3% cada e apenas 3% concordam totalmente.

Na Q22 (É necessário renovar o espírito das Tropas Pára-quedistas) ninguém responde discordar muitíssimo e nesta lógica 40% respondem concordar muitíssimo. Seguindo as restantes respostas também este aumento da percentagem.

À Q23 (A formação Pára-quedista - Formação Geral Comum, Curso de Pára-quedismo e Curso de Combate - está adequada às exigências da nova conflitualidade) ninguém responde discordar totalmente, sendo as maiores percentagens das respostas concordar muito e concordar totalmente, respectivamente de 50 e 30%.

Na Q24 (Um pára-quedista é capaz de transmitir o verdadeiro espírito das Tropas Pára-quedistas) novamente nenhum militar responde discordar muitíssimo nem muito, apresentando 57% de concordar muito e 27% de concordar muitíssimo.

Na Q25 (Operacional e funcionalmente, as Tropas Pára-quedistas portuguesas encontram-se ao mesmo nível das suas congéneres internacionais) não há nenhuma resposta que se saliente muito, no entanto continuam a concordar muito e totalmente com a questão, sendo de 33 e 27%, respectivamente.

À Q26 (O cumprimento da missão por parte das Tropas Pára-quedistas é influenciado pelo orçamento conferido) os militares respondem em grande consonância que concordam totalmente, tendo uma percentagem de 60%, contra os 0% de quem discorda totalmente e também apenas dos 3% que discordam muito. O concordo muito apresenta praticamente 27%.

3.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Chegados a esta parte da investigação, importa estabelecer a relação dos resultados adquiridos no inquérito, assim como com a informação da parte teórica, com a pergunta de partida desta investigação, “Em que medida são percebidas as Tropas Pára-quedistas no seio do Exército Português”.

Nesta fase analisa-se questão a questão, segundo o método utilizado na apresentação dos resultados, em que “Q” designa questão e o número seguinte a sua identificação.

Na Q1 todas as Forças concordam muito, à excepção dos Pára-quedistas, que concordam totalmente sobre o fundamental, que é, para o Exército, da existência das Tropas Pára-quedistas no seu seio.

Na Q2 a tendência da resposta é a mesma da questão anterior, mas neste caso há já Pára-quedistas que discordam totalmente, do ser fundamental, para eles, a sua existência no Exército, talvez querendo dizer que não estão muito bem no Exército.

Na Q3 verifica-se que os Comandos e a BrigMec não estão de acordo, ao contrário do que se verifica nas Operações Especiais e nos Pára-quedistas, que concordam totalmente sobre a boa imagem dos Pára-quedistas no Exército.

Na Q4 as respostas são em tudo idênticas à questão anterior, de onde se pode presumir a má imagem dos Pára-quedistas assim como a má relação especialmente com os Comandos.

Na Q5 só a BrigMec discorda que a competição e a rivalidade entre as três Forças Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma, acreditando desta forma que a resposta negativa é por não fazerem parte de nenhuma das Forças Especiais ou da BrigRR.

Na Q6 mais uma vez se verifica o consenso das respostas dos Comandos e da BrigMec, negativamente e o consenso das respostas dos Pára-quedistas e das Operações Especiais, de uma forma positiva, sobre o modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribuir positivamente para o desempenho das suas tarefas.

Na Q7 verifica-se o mesmo que na questão anterior, podendo deduzir a coerência dos ideais defendidos por uma parte e pela outra, neste caso, pelo gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas.

Na Q8 mais uma vez sucede o equilíbrio das respostas iguais pelas partes, sendo desta vez uma das partes só constituída pelas Operações Especiais, uma vez que os Pára-quedistas não respondem a esta questão por serem já Pára-quedistas.

De seguida apresentam-se as questões somente aplicadas às Tropas Pára-quedistas, sendo que os dados expressos são apenas o resultado dos inquéritos aplicados a estes.

Na Q9 as Tropas Pára-quedistas discordam totalmente de se terem adaptado bem à passagem da FAP para o Exército, de onde se constata que não se sentem adaptados ou integrados no Exército.

Na Q10 a opinião deles é a mesma, discordando da existência de melhorias, no desempenho das tarefas, resultantes da passagem da FAP para o Exército, onde se verifica novamente que sentiam-se melhor na FAP.

Na Q11 concordam totalmente com a existência de constrangimentos ao cumprimento da missão, resultantes da passagem da FAP para o Exército, concluindo mais uma vez que estavam melhor na FAP.

Da Q12 pode-se deduzir que todos concordam bastante com a importância do uso da boina e do brevet, pois concordam totalmente que a conservação das tradições e simbologia existentes do tempo da FAP contribuem para aumentar a coesão e a moral das Tropas Pára-quedistas.

Na Q13 constatamos a adequabilidade da formação com a percentagem de respostas que concordam que o treino e formação das Tropas Pára-quedistas estão adequados às missões atribuídas.

Na Q14 como na anterior todos concordam com a importância das missões internacionais realizadas pelas Tropas Pára-quedistas, sendo o garante de voluntários para ingressar nos Pára-quedistas e motivação para a missão.

Na Q15 os militares concordam que o material que utilizam é o adequado às necessidades e que estão adaptados à tipologia do quadro de empenhamento possível.

Na Q16 concordam muito na medida em que o armamento e equipamento das Tropas Pára-quedistas estão adaptados ao seu emprego operacional e ao lançamento por pára-quedas.

Na Q17 também concordam que a constante reestruturação das “Grandes Unidades” é benéfica para a adaptação das Tropas Pára-quedistas à nova conflitualidade.

Na Q18 verifica-se que há quem comece a preocupar-se no que respeita à angariação de jovens para ingressar nas suas fileiras, satisfazendo as suas necessidades de pessoal.

Na Q19 discordam totalmente em relação ao seu sentimento de satisfação com a actual condição no Exército, o que já não se sucede pela primeira vez. Este sentimento é fruto não só de situações políticas antecedentes mas também da evolução futura da qual estão receosos.

Na Q20 é bem patente o sentimento profundo de todos os Pára-quedistas no que respeita a voltarem a pertencer à FAP.

Na Q21 voltam a discordar quanto à forma de cumprir as missões, não sendo a mesma de quando as Tropas Pára-quedistas pertenciam à FAP.

Na Q22 afirmam ser necessário renovar o espírito das Tropas Pára-quedistas, do qual se depreende ser, não no sentido da mística, mas para tentar que voltem a ser como no passado.

Na Q23 também é afirmado que a formação Pára-quedista está adequada às exigências da nova conflitualidade.

Na Q24 todos concordam totalmente na afirmação de que um pára-quedista é capaz de transmitir o verdadeiro espírito das Tropas Pára-quedistas, o que se constata no respeito pelas tradições vivido por eles.

Na Q25 os militares defendem estar, no âmbito operacional e funcional, ao mesmo nível das suas congéneres internacionais, o que também se pode verificar pela participação das Tropas Pára-quedistas nas missões e em exercícios realizados.

Na Q26 defendem totalmente que o cumprimento da missão por parte das Tropas Pára-quedistas é influenciado pelo orçamento conferido, do qual se conclui que podem melhorar se houver investimento neste sentido.

3.4. CONCLUSÃO

Posto isto, em termos práticos conclui-se que para a obtenção dos resultados apresentados, os inquéritos contribuíram de uma forma mais significativa que as entrevistas, porque foi aplicado a mais militares e engloba mais questões, mas para poder compreender os resultados obtidos no inquérito é fundamental o conjunto de conhecimentos adquiridos durante as entrevistas.

CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Não se pretende com as conclusões aqui apresentadas avaliar o trabalho ou o esforço exercido pelas Chefias Militares responsáveis nesta temática da organização, estrutura e funcionamento, das Tropas Pára-quedistas, uma vez que o trabalho desenvolvido pelos responsáveis tem dado provas de que estão na senda do progresso, mas sim apresentar apenas as percepções dos militares, não tendo estas poder para de forma alguma colocar esse trabalho realizado em causa, elaborando o autor uma teoria que justifique as hipóteses levantadas.

Apresentam-se de seguida as conclusões mais relevantes deste estudo, confirmando ou não, as hipóteses levantadas com a finalidade de responder aos respectivos objectivos. Desta forma, com base nos resultados apresentados e discutidos, pode-se concluir o seguinte sobre cada uma das hipóteses.

Hipótese 1: A existência das Tropas Pára-quedistas no seio do Exército justifica-se. De acordo com a análise às questões Q1, Q2, Q13, Q14, Q15, Q16, Q17, Q18, Q23, Q25, E Q26, reconhece-se a necessidade do Exército possuir as Tropas Pára-quedistas no seu seio, quanto à necessidade inversa, ou seja, de os Pára-quedistas pertencerem ao Exército já se acentuam ideias opostas, constata-se a adequabilidade da formação, reconhecendo a sua adequação às missões atribuídas, reconhece-se a importância das missões internacionais realizadas para o incentivo dos jovens em concorrer aos Pára-quedistas, havendo esta preocupação para a sua motivação e satisfação, reconhece-se o armamento e equipamento disponível como adaptado ao seu empenhamento e emprego operacional, julga-se pertinente a reestruturação das “Grandes Unidades” e a adaptação à nova conflitualidade, garante-se estar ao mesmo nível das suas congéneres internacionais e lamenta-se não poder fazer mais por limitações orçamentais. Desta forma justifica-se plenamente a hipótese levantada, respondendo ao **Objectivo 1: Verificar se as Tropas Pára-quedistas estão preparadas para a evolução prevista, justificando de igual modo a sua existência no seio do Exército.**

Hipótese 2: As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem e uma relação benéfica com as restantes Forças do Exército. Atendendo às questões Q3, Q4, Q5, Q6, Q7, Q8, Q12, Q22 e Q24, verifica-se a existência de dois grupos, os Comandos e os militares da BrigMec e as Operações Especiais e os Pára-quedistas, os primeiros não têm uma boa imagem dos Pára-quedistas, assim como não se reconhece uma boa relação entre o primeiro grupo e os Pára-quedistas, contudo, os Comandos reconhecem em termos profissionais haver uma sinergia com os Pára-quedistas, que é evidente também com as

Operações Especiais. Por outro lado, os Comandos e os militares da BrigMec não reconhecem muito bem a simbologia, a mística e as tradições dos Pára-quedistas, assim como admitem não gostar de trabalhar com os Pára-quedistas, o que não se verifica com as Operações Especiais. No entanto apesar de não gostarem, reconhece-se o profissionalismo de ambos, talvez resultado de uma competição permanente para ver quem é o superior. Com as Operações Especiais não há estas contendas, mas de igual forma o resultado do trabalho em conjunto é de salutar. Para finalizar, onde estas diferenças se materializam é no desejo de irem tirar o curso de Pára-quedismo, que apenas as Operações Especiais reconhecem. Do lado dos Pára-quedistas, reconhecem-se e defendem-se as tradições como algo imprescindível para continuar com um espírito de coesão, que tanto caracteriza estas forças, assim como também se deve procurar renovar esse espírito, em que cada Pára-quedista tem um contributo fundamental neste processo. Esta hipótese é apenas parcialmente verificável, não respondendo na totalidade ao **Objectivo 2: Analisar a imagem das Tropas Pára-quedistas e a relação destas com as restantes forças.**

Hipótese 3: As Tropas Pára-quedistas adaptaram-se adequadamente ao Exército, resultante da sua origem na Força Aérea. Como se pode concluir das questões Q9, Q10, Q11, Q19, Q20 e Q21, demonstra-se um sentimento generalizado de não se perceberem bem adaptados ao Exército, assim como referem a inexistência de melhorias significativas e de se sentirem melhor nas FAP, referem que existem constrangimentos, que no outro ramo não tinham, demonstram que não estão satisfeitos com a sua situação actual no Exército, evidenciam o desejo de voltar a pertencer à FAP e demonstram que não cumprem a missão da mesma forma como cumpriam. Este conjunto de concepções leva a pensar que possam ser fruto não só de decisões políticas antecedentes como da perspectiva que estes militares têm para o futuro, e assim sendo a hipótese levantada para responder ao **Objectivo 3: Averiguar se o processo de integração/adaptação das Tropas Pára-quedistas no Exército foi o adequado** não se aplica.

Desta forma, apesar da amplitude do conceito de percepção, contribui-se com mais algum esforço, para uma possível resposta à pergunta de partida “Em que medida são percebidas as Tropas Pára-quedistas no seio do Exército Português”.

5.1. LIMITAÇÕES NA INVESTIGAÇÃO

Surgem, durante o período de investigação, inúmeras condicionantes ao correcto desenvolver do estudo, sendo de enorme importância a faculdade do autor para conseguir fazer face a essas vicissitudes. Contudo, há situações em que o autor não pode intervir, como o tempo disponível para a elaboração do estudo, que desde cedo se apercebe do limitado que são as dez semanas, não permitindo fazer uma pesquisa muito abrangente,

assim como não possibilita a correcta aplicação dos procedimentos e técnicas da elaboração do estudo. Ainda relacionado com o aspecto tempo, mas desta feita para o período em que a investigação teve lugar, uma vez que a parte final coincide com uma altura de férias para a maioria das pessoas, razão pela qual não foi possível elaborar mais entrevistas.

Foi possível consultar trabalhos anteriores, no entanto, devido às temáticas abordadas nenhum se constitui como ponto de partida para continuar um estudo previamente feito, indo posteriormente de encontro ao tema e à pergunta de partida do autor.

O facto de não existirem muitas fontes oficiais de informação e o número de páginas definido para esta investigação também se apresentam como uma limitação à investigação.

5.2. INVESTIGAÇÕES FUTURAS

A partir de algumas das conclusões que foram elaboradas é possível descortinar um ponto de partida para investigações futuras, podendo procurar-se descobrir a razão, talvez histórica, desta divergência entre Comandos e Pára-quedistas, uma possível solução para um relacionamento futuro sem sentimentos de animosidades ou um contributo para a definição de um quadro de complementaridade em Forças Especiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BoinaVerde. (Janeiro, Fevereiro, Março de 2007). Cronologia das Tropas Pára-quedistas. *Boina Verde* , pp. 16-17.
- Coelho, M. M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- COFT (Janeiro de 1994). Tropas Aerotransportadas CTA/BAI. *Jornal do Exército* , pp. 35-36.
- Cordeiro, M. P. (Julho, Agosto e Setembro de 2006). Brigada de Reacção Rápida. *Boina Verde* , pp. 8-9.
- Costa, T.-C. D. (13 de Março de 2008). BrigRR. (A. R. Franco, Entrevistador).
- Decreto-Lei n.º 61/2006 (2006). *Diário da República*, 1ª Série-A, de 21 de Março, N.º 57, p. 2044.
- Directiva de Comando N°03/BrigRR/07.
- D'Oliveira, T. (2002). *Teses e Dissertações - recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. Lisboa: RH.
- Machado, M., & Carmo, A. (2003). *Tropas Pára-quedistas - A História dos Boínas Verdes Portugueses 1955-2003*. Lisboa: Prefácio.
- Machado, T.-C. S. (Outubro de 2003). Tropas Pára-quedistas - uma década no Exército. *Jornal do Exército* , p. p. 14.
- Machado, Tenente-Coronel Pára-quedista (2005, Agosto/Setembro). Cinquentenário do Pára-quedismo Militar em Portugal. *Jornal do Exército - N° 543*, pp 30-37.
- Páras. (Outubro, Novembro e Dezembro de 2007). Brigada de reacção Rápida. *Páras* , pp. 9-15.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

APÊNDICES

Apêndice A- Entrevista 1

Posto: Tenente-Coronel

Nome: José Manuel Duarte da Costa

Cargo/Função: Chefe de Estado-Maior da BrigRR

Local: Comando da BrigRR - Tancos

Data: 13/03/2008

Pergunta 1: A BrigRR foi considerada operacional a 1 de Julho de 2006. Como se insere a BrigRR no âmbito do SFN, desde a sua missão e vocação à organização?

Resposta 1: A BrigRR foi considerada apta para cumprir missões do âmbito operacional a partir do dia 1 de Julho de 2006, dentro da estrutura do Exército, que tem uma estrutura designada por FOPE, que se apoia numa EBE. A FOPE tem fundamentalmente três brigadas, a BrigInt com sede em Coimbra, a BrigMec com sede em Santa Margarida e a BrigRR com sede em Tancos. Além destas forças operacionais existem as estruturas de apoio geral que também participam no esforço operacional do Exército.

A BrigRR insere-se no âmbito da FOPE e é, das três brigadas, aquela que tem o epíteto de reacção rápida. Isto quer dizer que tem de participar no esforço do Exército para em condições de prontidão e operacionalidade poder fornecer forças para aquilo que são as necessidades do Exército. A BrigRR tem uma companhia empenhada no teatro de operações do Afeganistão, tem uma companhia dedicada à FRI, tem um batalhão no Kosovo, tem elementos que estão dedicados às missões para o Iraque, elementos que vão ser empregues no Afeganistão. É neste enquadramento que se insere a BrigRR. É constituída fundamentalmente por três tipos de forças, as Tropas Pára-quedistas, os Comandos e as Tropas de Operações Especiais, sendo que os Pára-quedistas representam neste momento aquela que tem mais peso em termos quantitativos. A BrigRR tem dois BPARA e um BAAT. Estas são puramente unidades de Pára-quedistas. Além destas unidades tem o batalhão de Comandos e a força de Operações Especiais de escalão batalhão, o GAC, a CTM, a CCS, o Pelotão de Engenharia que vai passar a Companhia, o Pelotão de Artilharia Anti-Aérea, que passará para Bateria e a Bateria 10,5 que passa em Março a Grupo Light Gun 10,5 que tem elementos que também são Pára-quedistas.

O pára-quedismo na BrigRR é visto de duas vertentes. Na constituição de uma unidade operacional mas também na valência do pára-quedismo que é transversal a toda a BrigRR. O pára-quedismo não é só a parte operacional, é também a valência da especialidade que é dada a toda a BrigRR.

A missão da BrigRR é uma missão genérica que é fundamentalmente a de participar no esforço de defesa, apoio às populações em situações de calamidade e é mais um

instrumento da política externa do Estado, que ajuda o Estado Português a cumprir os compromissos assumidos por este para que no âmbito da NATO à qual a BrigRR está afiliada ao COMARRC, ao comando do ARRC e está afiliada à EUROFOR (*european rapid reaction force*), sediada em Florença, além de outros compromissos que o Exército assumiu para o qual temos de cumprir as NATO *force goals*, da NATO e da União Europeia.

Pergunta 2: O que confere à BrigRR a capacidade de reacção rápida?

Resposta 2: Primeiro tem de se definir o que é Reacção Rápida, para depois percebermos o que a BrigRR tem de fazer para ter esta capacidade. Reacção Rápida quer dizer que a BrigRR tem de constantemente ter forças em estado de prontidão operacional com estados que são definidos pelas várias categorizações que a NATO define. Por isso é que temos neste momento várias categorizações para as várias forças dependente do teatro de operações onde elas vão entrar mantendo sempre em permanência na BrigRR a FRI que tem uma categorização dois, ou seja, em cinco dias tem de estar pronta para ser empregue onde os órgãos de soberania assim decidirem. Esta FRI além do escalão do comando do batalhão tem uma companhia, um destacamento de Transmissões, um destacamento Sanitário e um destacamento aeroterrestre para permitir o lançamento. Esta FRI tem de ser toda Pára-quedista porque tem de ter a capacidade de fazer o envolvimento vertical. A capacidade de Reacção Rápida consegue-se com um treino apurado, e com as forças nas suas diversas categorizações que têm ao longo do ano decorrente do empenhamento nos exercícios ou também no empenhamento operacional para missões. Isto consegue-se com o esforço na Organização da BrigRR dotando as unidades que estão empenhadas nesse esforço do pessoal necessário e a nível do treino, proporcionando capacidades de treino para que ela tenha essa capacidade acrescida de prontidão operacional com capacidade operacional no mais curto espaço de tempo. Isto não é só meios humanos e treino, é também a necessidade de haver meios materiais, nomeadamente os pára-quedas que permitem fazer a projecção da BrigRR para actuar como *initial entry force*, que é como tem actuado na Bósnia, em Timor, no Kosovo e no Afeganistão, onde fomos sempre a primeira força a entrar no teatro de operações, que devido à nossa condição de Reacção Rápida que herdámos da antiga BAI, é a força que tem capacidade de actuar como *initial entry force*. É a única brigada que abriu todos os teatros de operações em que Portugal está e somos os únicos que estamos no Afeganistão, porque somos os únicos que temos a capacidade de Reacção Rápida consubstanciada em forças treinadas e preparadas para desempenhar esse tipo de missão.

Pergunta 3: É difícil a consolidação da identidade da BrigRR, uma vez que comporta forças tão distintas?

Resposta 3: O nosso General Comandante da BrigRR na directiva 03 de 2007 definiu uma das vulnerabilidades da BrigRR, como sendo a dispersão territorial, mas nunca foi considerada essa origem tão distinta como vulnerabilidade, pelo contrário isto não é uma vulnerabilidade, porque a diversidade provoca sinergias. Esta BrigRR tem nessa diferenciação das forças uma ocasião única de demonstrar que também acaba por consubstanciar as suas capacidades de Reacção Rápida e de se demonstrar ao Exército como uma unidade impar. O General Comandante também estabeleceu na sua directiva que o centro de gravidade desta BrigRR era precisamente o consolidar da coesão. Vem nessa directiva que o centro de gravidade da BrigRR é precisamente consubstanciar essa coesão, coesão que deriva não só de treinos de forças tão diferentes, com historial tão diferente, assim como forças que tiveram processos de actuação em operações tão diversificadas e por isso é considerado como centro de gravidade. Temos essas forças, mas temos de trabalhar nessa coesão, sempre no respeito das tradições e especificidades de cada uma das unidades. Temos uma unidade de nível brigada que tem capacidades e possibilidades de desempenhar vários tipos de missões. Unidade esta, que tem várias forças, que para a actividade operacional tem coesas e trabalham juntas, mas mantêm-se as unidades com as suas tradições. Consolidamos a coesão no treino da actividade operacional, nas cerimónias, na constituição de *task forces* não puras, ou seja Pára-quedistas, Comandos e Operações Especiais, isto consolida a coesão, mas por outro lado mantemos as tradições das unidades territoriais nas suas áreas respeitando as tradições de cada uma das forças.

Pergunta 4: Quais os objectivos operacionais da BrigRR a nível nacional e internacional?

Resposta 4: Os objectivos operacionais decorrem dos objectivos do Exército. A brigada não define os objectivos do emprego operacional. É o Exército que define através do Comando Operacional. A brigada determina quais são os seus objectivos de treino operacional para o qual tem de estar preparada. Isso envolve dois universos distintos, o nacional e o internacional. No primeiro temos além de continuar a treinar para aquilo que é esperado de nós, temos de continuar a treinar para ser *initial entry force*. É a força que é lançada para um terreno hostil ou semi-hostil para um ambiente que pode ser não permissivo, ao qual têm de criar uma cabeça-de-ponte aérea que é criada fundamentalmente com os Pára-quedistas, controlar um ponto de desembarque aéreo para permitir a aterragem de meios aéreos para permitir a expansão da força no terreno. Treinar operações de Infantaria, operações aeroterrestres, a actividade aeroterrestre em si, ou seja, o salto quer seja como actividade técnica como seja o salto como actividade operacional,

tem de se desenvolver capacidades de treino tático, de técnica, de tiro, de progressão, de controlo de meios aéreos, de controlo de tiro. Em treino operacional temos de fazer tudo que uma brigada normal faz, com uma característica específica, como estamos vocacionados para *initial entry force*, temos de desenvolver as tarefas que serão sempre a uma força deste género e vamos treinar essas tarefas.

No plano internacional o General CEME, tem dois níveis de ambição, uma é que Portugal seja *Framework Nation* para a constituição de um *battlegroup* e outro é que haja um comando de brigada que seja certificado pela NATO para poder actuar num teatro de operações e poder ser projectado. Para o primeiro nível de ambição temos a BrigRR organizada e podemos reorganizá-la internamente de forma a transformá-la num *battlegroup* podendo constituir-se com as forças que tem neste momento numa *task force* de *Battlegroup* e ser projectada para onde o Exército o determinar.

Por outro lado para o segundo nível de ambição, o posto de comando da brigada, estamos a trabalhar na reorganização do posto de comando da brigada, dotando não só com os meios de pessoal e técnicos suficientes para poder ser projectada com a sua CCS para poder actuar como Comando da Brigada numa força qualquer que seja, constituída a nível internacional.

Além disto há outras ambições, como participar em tudo que esteja relacionado com o ARRC. A NATO tem vários corpos de Exército, um deles é o ARRC, mas este é o melhor Corpo de Exército que tem neste momento e que está na Europa, comandado por um general inglês.

A BrigRR é a única brigada portuguesa que está no COMMARC, pela sua qualidade, pela sua capacidade de reacção rápida e pela característica de forças.

Com o ARRC tenta-se aprender o máximo, acompanhar em termos de treino o que é feito. É onde se tem de investir mais em termos de formação técnico-táctica a nível do EM e das forças.

Pergunta 5: Para esses objectivos serem plenamente alcançados, que meios ou características deveria a BrigRR ver melhoradas?

Em termos de meios temos de começar por duas áreas. O sistema de pessoal e o sistema de material logístico. No pessoal há o problema do recrutamento que não depende da brigada. É necessário possuir mais efectivos, devendo o Exército fazer um esforço para esta brigada, uma vez que esta é a que tem características de *initial entry force* e tem prioridade em termos de manutenção de efectivos e reequipamento, onde o Exército tem de responder a isso. A brigada necessita principalmente de efectivos para os Pára-quedistas pois são as que absorvem mais pessoal devido ao maior número de unidades, para os quais estamos com níveis de obtenção muito baixos.

O segundo aspecto é a logística. Temos graves deficiências na alimentação da cadeia logística do Exército, problemas em viaturas tácticas adaptadas para este tipo de situação, deficiência em armamento e para os Pára-quedistas são necessários urgentemente mais pára-quedas, e a actividade aeroterrestre é extremamente profissional, não se coadunando com o amadorismo. Se o material está a chegar ao fim do tempo de serviço, não se pode por em risco a vida dos soldados.

O que gostava de ver melhorado era o sistema de obtenção e de recrutamento do próprio Exército e a resposta do Exército relativamente à colocação de oficiais, sargentos e praças na brigada. Em termos materiais era, para as forças que estão no teatro de operações, material de *force protection* e que não demorasse tanto tempo a ser colocado no teatro de operações.

Pergunta 6: Está, a BrigRR apta a desempenhar as missões atribuídas pela NATO? Quais os seus cenários de actuação?

Resposta 6: A NATO não atribui cenários. Os cenários de actuação são atribuídos em conferência com os países dos quais a NATO poderá actuar. Nós temos de actuar onde a NATO actua. A NATO não nos define cenários, mas define cenários para ela. Se define cenários para onde vai actuar nós temos de estar preparados para actuar. A característica principal da BrigRR é a capacidade de actuar em ambiente permissivo e ambiente não permissivo. Temos de ter capacidade de *initial entry force*. Mesmo em ambiente hostil, ou seja artigo 5.º, temos de ter capacidade de efectuar todo o tipo de missões artigo 5.º em todo espectro da conflitualidade, dependendo o tempo em que a brigada tem capacidade de aguentar esse esforço dependendo dos meios que forem postos à disposição da brigada nessa altura. Se aumentarem a capacidade logística em termos de manutenção e reabastecimento de combustíveis e de munições e de revitalização da brigada em termos humanos é possível aguentar mais tempo. Não se pode esquecer que esta brigada é ligeira, ou seja, para actuar rapidamente em cenários especiais e é *initial entry force*, actuando em ambiente permissivo ou não, em todo o espectro de conflitualidade para fazer crescer a força que está no terreno, normalmente utilizando as forças das Operações Especiais para fazer reconhecimento especial relativamente a determinados objectivos, os nossos precursores para fazer reconhecimento de longo raio de acção para as áreas de desembarque, onde os nossos Comandos vão integrar com a aterragem de assalto num aeroporto, para se apoderar dele e destruir meios anti-aéreos ao mesmo tempo que dois batalhões de Pára-quedistas estão a saltar para o interior da zona para fazer a segurança mais alargada, montando um perímetro que é a cabeça-de-ponte aérea. A partir daí consubstanciar e consolidar a defesa em perímetro com acções de combate e permitir que as forças de seguimento comecem a alimentar e promovam o que o Exército decidir. O

treino fundamental é *initial entry force* em ambiente permissivo, não permissivo até hostil, em todo o espectro de conflitualidade. porque é o que a NATO espera de nós.

Pergunta 7: Na vertente operacional, quais as possibilidades e limitações, pontos fortes e fracos que a BrigRR apresenta?

Resposta 7: O principal ponto forte é o factor humano. Temos tropa mais bem treinada com mais tempo de treino, mais motivada até pelas próprias missões onde estamos inseridos. A brigada tem forças com características especiais, por vezes é pensado que a característica especial do soldado lhe advém do curso, mas não é apenas do curso especial, advém também da crença numa mística que ele próprio carrega, na diferenciação. Por isso eu advogo a diferenciação, advogo boinas diferentes, advogo que é da diversidade que se gera sinergia suficiente para aumentar as nossas capacidades. Na BrigRR o factor fundamental é o humano e isso decorre também da mística que cada soldado tem em acreditar na boina que carrega e na especialidade que tem, como é o caso dos Pára-quedistas, dos Comandos e das Operações Especiais.

Outro factor que a BrigRR tem é a sua capacidade técnica de fazer coisas que mais ninguém é capaz de fazer, nomeadamente os Pára-quedistas, com o salto de pára-quedas, que é exclusivo. As outras forças especiais também saltam mas vêm aprender aos Pára-quedistas. Quer isto dizer que outro ponto forte é a questão do treino, quer na vertente técnica do salto, quer na vertente operacional, esta consubstanciada em vários exercícios durante todo o ano.

Falámos no factor humano, técnico e treino. São as características fundamentais desta força. Outra ainda é a coesão do comando de acordo com as directivas do General Comandante.

Existem pontos fracos na BrigRR em termos de meios de transporte táctico. A forma de deslocar é uma vulnerabilidade da BrigRR. Temos uma fraca capacidade de depois de estar no terreno de nos deslocarmos. Até chegarmos a área de operações é fácil, mas quando se está lá para nos deslocarmos é difícil porque nos faltam alguns meios técnicos para poder transportar material de reabastecimento e armamento, fundamentalmente nas “mulas mecânicas” ou *jeeps* pequenos, de forma que em pequenos trajectos consigamos distribuir os meios de reabastecimento.

Outro meio em falta são os helicópteros, temos como força na BrigRR a UHE, mas não os possuímos. São necessários para ver mais longe, para atacar mais longe e para termos alguma capacidade de transporte. Não temos reconhecimento aéreo, nem transporte aéreo da BrigRR, assim como não temos capacidade de ataque com meios orgânicos da BrigRR.

Em menor grau os sistemas de comando e controlo e de transmissões que estão neste momento ainda a ser adaptados, razão pela qual não estamos a aproveitar todas as suas capacidades.

Pergunta 8: A BrigRR está a passar por uma fase de reestruturação. O que está previsto mudar para fazer face às novas conjunturas nacionais e internacionais?

Resposta 8: O processo de reestruturação da BrigRR assenta no pressuposto que o ano de 2007 foi um ano de teste dos quadros orgânicos. Quando os QO (Quadros Orgânicos) foram feitos pelo EME a ideia força que presidiu nesses QO foi o modelo americano das *striker brigades*, e então fizeram-se QO iguais para as três brigadas, que não funcionam porque temos valências nesta brigada que as outras brigadas não têm e vice-versa, portanto os QO não podem ser todos iguais. O nosso esforço de reestruturação está a passar por três áreas, uma são os QO, outra é implantação de novas unidades e outra é o enriquecimento das unidades em termos de meios humanos e materiais.

No primeiro aspecto estamos a fazer propostas de alteração dos QO ao nível do EM, porque há várias questões que não estavam acuteladas, como por exemplo uma secção de registo de saltos e o ajudante geral.

Estamos também a propor alterações nos QO do BAAT de forma a torná-lo mais capaz e mais consentâneo daquilo que se espera, estamos a fazer o levantamento do batalhão de apoio de serviços, recebemos agora a reestruturação do grupo de artilharia de campanha e o crescimento das duas companhias de Comandos para o batalhão de Comandos com a terceira companhia de Comandos.

No caso da reestruturação em termos de implantação territorial temos duas preocupações. A primeira é a transferência do CTC de Mafra para a Carregueira, outra é onde vai ficar o Batalhão de Apoio de Serviços com o seu levantamento. É também necessário arranjar uma missão que defina o encargo operacional para o RI3 de Beja, este tem sido fundamentalmente o campo de treino para as forças de unidades de escalão companhia e batalhão da BrigRR, querendo dotar esse regimento com um produto operacional. Outro aspecto é os meios humanos, que é o que não controlamos. Temos tentado retirar à componente territorial para meter na componente operacional. A BrigRR é composta por batalhões e companhias que é a estrutura operacional, mas estes estão na EBE, estão em unidades escalão regimento que também são comandados pelo Comandante da BrigRR (são o RI3, RI10, RI15, CTC, CTOE, ETP e UHE). O General Comandante tem comando completo sobre sete regimentos e é destes sete regimentos que estamos a tentar passar da área territorial para a área operacional. Este é outro ponto força que se está a tentar na BrigRR.

Pergunta 9: A diversidade de forças com características especiais, que é uma das características que mais se salienta na BrigRR, não se torna difícil de conjugar na prática? Ou, pelo contrário, é plenamente explorada?

Resposta 9: É a diversidade que promove a qualidade e é muito importante mantê-la na BrigRR. A BrigRR só é o que é devido à sua diversidade.

Pergunta 10: A que objectivos futuros se propõe a BrigRR no âmbito da OTAN? Que implicações acarretam?

Resposta 10: A nível da NATO espera-se que o nosso comando da BrigRR seja certificado pela NATO para poder ser um posto de comando projectado e projectável, mandando-o para um teatro de operações e enquadrar forças de outros países. Outro objectivo é que esta BrigRR rapidamente se constitua num *Battlegroup* para a NATO, mas mais para União Europeia, *Battlegroup* esse que possa actuar onde houver interesses da NATO e de Portugal.

Outros são os objectivos que o ARRC impõe. Tem uma linha de conduta em termos de procedimentos operacionais e nós estamos a trabalhar com esses procedimentos. Tudo o que tem a ver com a actividade operacional seguimos de acordo com o ARRC, porque está tudo bem organizado, e não precisamos de inventar. É depois necessário adaptar para a nossa realidade e trabalhar por forma em que nos exercícios trabalhemos todos da mesma forma.

Todos os objectivos se centram em sermos integrados no comando do ARRC e podermos também integrar com unidades operacionais, quando o ARRC for empenhado a brigada também ser empenhada. Trabalhamos na certificação do comando NATO do comando e EM da BrigRR e constituímo-nos como um *Battlegroup* para poder actuar em todo tipo de missões artigo 5.º e de não combate no âmbito que for decidido pelos órgãos de soberania em Portugal.

Pergunta 11: A formação de quadros orgânicos está em concordância com as necessidades de pessoal da parte da BrigRR?

Resposta 11: Considero que sim porque temos bons Pára-quedistas, bons Comandos e bons elementos de Operações Especiais, o que leva a entender que os cursos estão a ser bem ministrados.

A formação que é dada aos nossos quadros é óptima, não é só para a BrigRR mas também para os militares. Esta é a brigada que proporciona aos oficiais, sargentos e praças um maior leque de cursos que possam querer tirar. Por outro lado há mais dois cursos que estamos a tentar implementar, um no CTC, o curso de tiro de combate, e o outro no EM de *Info Ops*.

Por um lado, a formação que está a ser dada nos cursos dos nossos quadros é adequada, no entanto é necessário mais tempo para o treino operacional. Por outro lado, o número de formandos que temos é que não é o adequado. Para os Comandos e forças de Operações Especiais não está a haver problema com o número de formandos, o mesmo não se passa com os Pára-quedistas, porque temos de alimentar três batalhões, mesmo que o BAAT seja mais pequeno. Temos dois batalhões de Pára-quedistas a 523 elementos cada, perfazendo 1046, que deveria ter em permanência na unidade. Aqui a responsabilidade não passa pela brigada pois saem mais militares por ano, que os que entram. Estamos a tentar um novo projecto de obtenção de recursos humanos, fazendo recrutamento interno, não esperando que o recrutamento venha só do Exército. No entanto isto vai demorar algum tempo a dar frutos.

Em termos de formação, os objectivos de formação são óptimos e os cursos são óptimos e o que obtemos no fim está adaptado às missões que temos de desempenhar. Os quantitativos de pessoal que temos de formar é que são muito baixos, principalmente nos Pára-quedistas.

APÊNDICE B- GUIÃO DO INQUÉRITO

Este inquérito é anónimo e será utilizado para fins estatísticos no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada do Aspirante Aluno Infantaria Jacinto Franco, subordinado ao tema Enquadramento das Tropas Pára-quedistas no seio do Exército Português.

Os dados recolhidos são apenas destinados à realização do trabalho, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade dos mesmos.

Responda o mais sinceramente possível e obrigado pela colaboração.

Grupo I

1. Coloque um X nas caixas que se seguem, de acordo com a sua situação e à frente, indique em que Unidade está colocado.

(Considere como Pára-quedista, um militar que está no activo numa Unidade Pára-quedista).

Tropas Comandos	<input type="checkbox"/>
Tropas Pára-quedistas	<input type="checkbox"/>
Tropas de Operações Especiais	<input type="checkbox"/>
Exército	<input type="checkbox"/>

2. Indique a classe a que pertence, colocando um X na caixa correspondente.

Oficial	<input type="checkbox"/>
Sargento	<input type="checkbox"/>
Praça	<input type="checkbox"/>

Grupo II

Perante as seguintes afirmações, coloque um X na opção que melhor se adapte ao seu caso, utilizando a seguinte escala:

1-Discordo muitíssimo ou totalmente; 2-Discordo muito; 3-Não concordo nem discordo; 4-Concordo muito; 5-Concordo muitíssimo ou totalmente.

	1	2	3	4	5
1. É fundamental, para o Exército, a existência de Tropas Pára-quedistas no seu seio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. É fundamental, para as Tropas Pára-quedistas, a sua existência no Exército.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem no seio do Exército.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. O modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. <u>(Se é Pára-quedista, não responda a esta questão).</u> Gostaria de ingressar ou de ter ingressado nas Tropas Pára-quedistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Grupo III

Responda às questões do grupo III apenas se for Pára-quedista.

Perante as seguintes afirmações, coloque um X na opção que melhor se adapte ao seu caso, utilizando a seguinte escala:

1-Discordo muitíssimo ou totalmente; 2-Discordo muito; 3-Não concordo nem discordo; 4-Concordo muito; 5-Concordo muitíssimo ou totalmente.

	1	2	3	4	5
9. As Tropas Pára-quedistas adaptaram-se bem à passagem da Força Aérea para o Exército.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Existem melhorias, no desempenho das tarefas, resultantes da passagem da Força Aérea para o Exército.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Existem constrangimentos ao cumprimento da missão por parte das Tropas Pára-quedistas, resultantes da passagem da Força Aérea para o Exército.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. A conservação das tradições e simbologia existentes do tempo da Força Aérea contribuem para aumentar a coesão das Tropas Pára-quedistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. O treino e formação das Tropas Pára-quedistas estão adequados às missões atribuídas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. As missões internacionais realizadas pelas Tropas Pára-quedistas contribuem para uma maior motivação dos seus homens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. O armamento e equipamento das Tropas Pára-quedistas estão adaptados à tipologia do quadro de empenhamento possível.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. O armamento e equipamento das Tropas Pára-quedistas estão adaptados ao seu emprego operacional, nomeadamente no respeitante ao lançamento por pára-quedas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. A constante reestruturação das “Grandes Unidades” é benéfica para a adaptação das Tropas Pára-quedistas à nova conflitualidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Face à actual situação, as Tropas Pára-quedistas vão conseguir continuar a aliciar os jovens a ingressar nas suas fileiras, satisfazendo as suas necessidades de pessoal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sente-se satisfeito com a sua actual condição no Exército.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Gostaria que as Tropas Pára-quedistas voltassem a pertencer à Força Aérea Portuguesa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. A forma de cumprir as missões é a mesma de quando as Tropas Pára-quedistas pertenciam à Força Aérea.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. É necessário renovar o espírito das Tropas Pára-quedistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. A formação Pára-quedista (Formação Geral Comum, Curso de Pára-quedismo e Curso de Combate) está adequada às exigências da nova conflitualidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Um pára-quedista é capaz de transmitir o verdadeiro espírito das Tropas Pára-quedistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Operacional e funcionalmente, as Tropas Pára-quedistas portuguesas encontram-se ao mesmo nível das suas congéneres internacionais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. O cumprimento da missão por parte das Tropas Pára-quedistas é influenciado pelo orçamento conferido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Muito obrigado pela colaboração.

APÊNDICE C- QUADRO DA SITUAÇÃO TROPAS COMANDOS

Situação Tropas Comandos

	Discordo muitíssimo		Discordo muito		Não concordo nem		Concordo muito		Concordo muitíssimo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
É fundamental, para o Exército, a existência de Tropas Pára-quedistas no seu seio.	1	3,33	4	13,33	10	33,33	11	36,67	4	13,33	30	100,00
É fundamental, para as Tropas Pára-quedistas, a sua existência no Exército.	1	3,33	6	20,00	9	30,00	13	43,33	1	3,33	30	100,00
As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem no seio do Exército.	5	16,67	7	23,33	14	46,67	4	13,33	0	0,00	30	100,00
Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército.	5	16,67	6	20,00	11	36,67	8	26,67	0	0,00	30	100,00
A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma.	2	6,67	3	10,00	11	36,67	11	36,67	3	10,00	30	100,00
O modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas.	7	23,33	7	23,33	11	36,67	5	16,67	0	0,00	30	100,00
Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas.	10	33,33	6	20,00	7	23,33	7	23,33	0	0,00	30	100,00
Gostaria de ingressar ou de ter ingressado nas Tropas Pára-quedistas.	17	62,96	4	14,81	4	14,81	2	7,41	0	0,00	27	100,00

APÊNDICE D- QUADRO DA SITUAÇÃO TROPAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

Situação Tropas de Operações Especiais

	Discordo muitíssimo ou totalmente		Discordo muito		Não concordo nem discordo		Concordo muito		Concordo muitíssimo ou totalmente		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
É fundamental, para o Exército, a existência de Tropas Pára-quedistas no seu seio.	0	0,00	2	6,67	5	16,67	17	56,67	6	20,00	30	100,00
É fundamental, para as Tropas Pára-quedistas, a sua existência no Exército.	0	0,00	0	0,00	9	30,00	20	66,67	1	3,33	30	100,00
As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem no seio do Exército.	0	0,00	3	10,00	11	36,67	14	46,67	2	6,67	30	100,00
Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército.	0	0,00	3	10,00	12	40,00	7	23,33	8	26,67	30	100,00
A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma.	0	0,00	3	10,00	6	20,00	19	63,33	2	6,67	30	100,00
O modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas.	0	0,00	4	13,33	10	33,33	15	50,00	1	3,33	30	100,00
Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas.	0	0,00	4	13,33	12	40,00	12	40,00	2	6,67	30	100,00
Gostaria de ingressar ou de ter ingressado nas Tropas Pára-quedistas.	0	0,00	2	11,11	4	22,22	4	22,22	8	44,44	18	100,00

APÊNDICE E- QUADRO DA SITUAÇÃO BRIGMEC

Situação BrigMec

	Discordo muitíssimo ou totalmente		Discordo muito		Não concordo nem discordo		Concordo muito		Concordo muitíssimo ou totalmente		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
É fundamental, para o Exército, a existência de Tropas Pára-quedistas no seu seio.	3	10,00	2	6,67	9	30,00	13	43,33	3	10,00	30	100,00
É fundamental, para as Tropas Pára-quedistas, a sua existência no Exército.	3	10,00	3	10,00	11	36,67	9	30,00	4	13,33	30	100,00
As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem no seio do Exército.	5	16,67	9	30,00	11	36,67	5	16,67	0	0,00	30	100,00
Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército.	6	20,00	11	36,67	9	30,00	4	13,33	0	0,00	30	100,00
A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma.	7	23,33	5	16,67	11	36,67	6	20,00	1	3,33	30	100,00
O modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas.	6	20,00	7	23,33	12	40,00	4	13,33	1	3,33	30	100,00
Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas.	7	23,33	6	20,00	9	30,00	6	20,00	2	6,67	30	100,00
Gostaria de ingressar ou de ter ingressado nas Tropas Pára-quedistas.	6	20,00	5	16,67	13	43,33	4	13,33	2	6,67	30	100,00

APÊNDICE F- QUADRO DA SITUAÇÃO TROPAS PÁRA-QUEDISTAS (1/3)

Situação Tropas Pára-quedistas

	Discordo muitíssimo ou totalmente		Discordo muito		Não concordo nem discordo		Concordo muito		Concordo muitíssimo ou totalmente		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
É fundamental, para o Exército, a existência de Tropas Pára-quedistas no seu seio.	0	0,00	2	6,67	1	3,33	4	13,33	23	76,67	30	100,00
É fundamental, para as Tropas Pára-quedistas, a sua existência no Exército.	6	20,00	2	6,67	5	16,67	3	10,00	14	46,67	30	100,00
As Tropas Pára-quedistas têm uma boa imagem no seio do Exército.	1	3,33	3	10,00	8	26,67	8	26,67	10	33,33	30	100,00
Existe uma boa relação entre os militares das Tropas Pára-quedistas, os das Tropas Comandos, os das Tropas de Operações Especiais e os restantes militares do Exército.	2	6,67	3	10,00	13	43,33	11	36,67	1	3,33	30	100,00
A competição/rivalidade entre as Tropas Pára-quedistas, as Tropas Comandos e as Tropas de Operações Especiais contribuem para aumentar o desempenho de cada uma.	1	3,33	3	10,00	3	10,00	13	43,33	10	33,33	30	100,00
O modo de estar específico das Tropas Pára-quedistas contribui positivamente para o desempenho das suas tarefas.	0	0,00	0	0,00	0	0,00	16	53,33	14	46,67	30	100,00
Gosto de trabalhar com as Tropas pára-quedistas.	0	0,00	0	0,00	0	0,00	7	23,33	23	76,67	30	100,00
Gostaria de ingressar ou de ter ingressado nas Tropas Pára-quedistas.	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
As Tropas Pára-quedistas adaptaram-se bem à passagem da Força Aérea para o Exército.	11	36,67	8	26,67	7	23,33	4	13,33	0	0,00	30	100,00

APÊNDICE G- QUADRO DA SITUAÇÃO TROPAS PÁRA-QUEDISTAS (2/3)

Situação Tropas Pára-quadistas

	Discordo muitíssimo ou totalmente		Discordo muito		Não concordo nem discordo		Concordo muito		Concordo muitíssimo ou totalmente		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Existem melhorias, no desempenho das tarefas, resultantes da passagem da Força Aérea para o Exército.	15	50,00	5	16,67	7	23,33	2	6,67	1	3,33	30	100,00
Existem constrangimentos ao cumprimento da missão por parte das Tropas Pára-quadistas, resultantes da passagem da Força Aérea para o Exército.	3	10,00	4	13,33	9	30,00	7	23,33	7	23,33	30	100,00
A conservação das tradições e simbologia existentes do tempo da Força Aérea contribuem para aumentar a coesão das Tropas Pára-quadistas.	0	0,00	1	3,33	5	16,67	12	40,00	12	40,00	30	100,00
O treino e formação das Tropas Pára-quadistas estão adequados às missões atribuídas.	0	0,00	0	0,00	7	23,33	13	43,33	10	33,33	30	100,00
As missões internacionais realizadas pelas Tropas Pára-quadistas contribuem para uma maior motivação dos seus homens.	0	0,00	0	0,00	0	0,00	6	20,00	23	76,67	30	100,00
O armamento e equipamento das Tropas Pára-quadistas estão adaptados à tipologia do quadro de empenhamento possível.	1	3,33	7	23,33	9	30,00	11	36,67	2	6,67	30	100,00
O armamento e equipamento das Tropas Pára-quadistas estão adaptados ao seu emprego operacional, nomeadamente no respeitante ao lançamento por pára-quadistas.	1	3,33	6	20,00	4	13,33	17	56,67	1	3,33	30	100,00
A constante reestruturação das "Grandes Unidades" é benéfica para a adaptação das Tropas Pára-quadistas à nova conflitualidade.	2	6,67	7	23,33	12	40,00	9	30,00	0	0,00	30	100,00

APÊNDICE H- QUADRO DA SITUAÇÃO TROPAS PÁRA-QUEDISTAS (3/3)

Situação Tropas Pára-quadistas

	Discordo muitíssimo ou totalmente		Discordo muito		Não concordo nem discordo		Concordo muito		Concordo muitíssimo ou totalmente		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Face à actual situação, as Tropas Pára-quadistas vão conseguir continuar a aliciar os jovens a ingressar nas suas fileiras, satisfazendo as suas necessidades de pessoal.	6	20,00	6	20,00	6	20,00	9	30,00	3	10,00	30	100,00
Sente-se satisfeito com a sua actual condição no Exército.	9	30,00	5	16,67	10	33,33	6	20,00	0	0,00	30	100,00
Gostaria que as Tropas Pára-quadistas voltassem a pertencer à Força Aérea Portuguesa.	0	0,00	0	0,00	6	20,00	2	6,67	22	73,33	30	100,00
A forma de cumprir as missões é a mesma de quando as Tropas Pára-quadistas pertenciam à Força Aérea.	7	23,33	7	23,33	10	33,33	5	16,67	1	3,33	30	100,00
É necessário renovar o espírito das Tropas Pára-quadistas.	0	0,00	3	10,00	5	16,67	10	33,33	12	40,00	30	100,00
A formação Pára-quadista (Formação Geral Comum, Curso de Pára-quadismo e Curso de Combate) está adequada às exigências da nova conflitualidade.	0	0,00	4	13,33	2	6,67	15	50,00	9	30,00	30	100,00
Um pára-quadista é capaz de transmitir o verdadeiro espírito das Tropas Pára-quadistas.	0	0,00	0	0,00	5	16,67	17	56,67	8	26,67	30	100,00
Operacional e funcionalmente, as Tropas Pára-quadistas portuguesas encontram-se ao mesmo nível das suas congéneres internacionais.	1	3,33	5	16,67	6	20,00	10	33,33	8	26,67	30	100,00
O cumprimento da missão por parte das Tropas Pára-quadistas é influenciado pelo orçamento conferido.	0	0,00	1	3,33	3	10,00	8	26,67	18	60,00	30	100,00

ANEXO A- DIRECTIVA DE COMANDO Nº03/BRIGRR/07

Exemplar nº de 36
Ex.

BrigRR

TANCOS

28MAR07

SC65

ASSUNTO: DIRECTIVA DE COMANDO Nº03/BrigRR/07.

Refª:

- a. SFN-COP, definido em Conselho Superior Defesa Nacional de 21OUT04;
- b. SFN-CF, definido em Conselho Superior de Defesa Nacional de 03NOV05;
- c. Plano de Longo e Médio Prazo – Exército 2005/2020;
- d. Dec.Lei nº 61/2006 de 21 de Março de 2006;
- e. Directiva 103/CEME/06 do Gen CEME de 28ABR06;
- f. Nota 5522 Proc 01.03.00 do Comando Operacional de 05DEZ06;
- g. Despacho nº 234/CEME/06 do Gen CEME de 24AGO06;
- h. Nota 177 Proc 05.02.01/07 do Comando Operacional de 11JAN07;
- i. Directiva Nº6/CmdOp/07 do Comando Operacional de 24JAN07;

1. SITUAÇÃO

- a. A actual reorganização do Exército, consubstanciada no Dec.Lei nº 61/2006 de 21 de Março, é norteadada por princípios de racionalização que preconizam um conjunto de medidas cujo objectivo primordial é a prontidão da sua componente operacional, que se pretende mais flexível e projectável;
- b. Neste sentido o desenho organizacional do Exército é alicerçado num conjunto de capacidades que lhe permitem flexibilizar a sua capacidade de resposta face a situações conjunturais emergentes e de complexidade diferenciada;

- c. A Brigada de Reacção Rápida (BrigRR) enquadra-se no racional do levantamento de uma força com valências que garantam à componente terrestre das Forças Armadas (FA) a capacidade de Reacção Rápida. Neste enquadramento, a BrigRR integra unidades de combate ligeiras, de elevado nível de prontidão, que através dos seus meios aéreos orgânicos asseguram a sua mobilidade táctica, a sua flexibilidade de emprego e a resposta rápida para a condução de operações aeromóveis;
- d. O apoio e sustentação logística ao Comando e Forças da BrigRR são assegurados pelo conjunto de unidades desenhadas no quadro das capacidades de Apoio Geral (A/G) e de Sustentação Logística da Força, nas quais se integram unidades de Apoio de Combate e de Apoio de Serviços;
- e. No presente enquadramento, o Comando da BrigRR na dependência do Comando Operacional (CmdOp), integra unidades territoriais com encargos operacionais e de formação geral e específica como são os casos da Escola de Tropas Pára-quedistas (ETP), Centro de Tropas Comandos (CTCmnds) e o Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE);
- f. O processo de reorganização do Exército é um processo contínuo pelo que mantém em aberto diversas adequações orgânicas e funcionais relacionadas com a especificidade da BrigRR, revertíveis em parte, na sua estrutura fixa e na sua articulação com órgãos regionais de apoio de área. Neste âmbito o EME conduz um processo de “Reflexão Sobre o Sistema de Forças” que determinará a evolução das estruturas organizacionais do Sistema de Forças 2004 - Exército (SFN04-Ex).

2. FINALIDADE

A presente directiva tem por finalidade definir as linhas gerais de orientação da acção de comando para a prossecução da missão da BrigRR como um todo e para a satisfação atempada e consolidada de actividades conjunturais a desenvolver durante o ano de 2007 pelos Comandantes das Unidades do Sistema de Forças Nacional – Componente Fixa (SFN-CF) e da Componente Operacional (SFN-COp) na dependência do Comando da BrigRR.

3. EXECUÇÃO

a. Intenção

É minha intenção prosseguir, de forma sustentada, na **consolidação do desenho organizacional da BrigRR** identificando e referenciando vulnerabilidades nas estruturas operacional e fixa com vista a apresentar, ao CmdOp, soluções que propiciem um incremento na eficiência das mesmas. Esta análise atenderá

obrigatoriamente aos **programas de investimento** programados pelo Exército no seu Plano de Médio e Longo Prazo, **eliminando o risco da prossecução de evoluções estruturais dependentes de tecnologia não integrada nesses mesmos programas**. Como estado final desejado até final de 2007, elejo:

- (1) para o SFN-COp/BrigRR: obtidos e **assegurados**, de forma sustentada, os **níveis de prontidão** definidos para as diferentes subunidades e comando da BrigRR; garantida a **satisfação dos compromissos internacionais** cometidos à BrigRR e simultaneamente, **assegurada a capacidade de resposta** adequada, no âmbito do **Plano de Contingência** para activação da Força de Reacção Imediata (FRI);
- (2) para o SFN-CF/BrigRR: operacionalizados, de forma consolidada, os **níveis de autoridade** definidos aos diferentes patamares da estrutura de Comando da Brigada e destes com as estruturas de Comando e Direcção do Exército no **contributo directo da coesão das forças que integram a estrutura da BrigRR** e da **obtenção de sinergias** que garantam em permanência os **níveis de prontidão** das unidades do SFN-COp/BrigRR pelas quais são responsáveis por aprontar; consolidadas e fortalecidas as **relações institucionais com as estruturas do poder regional e local** nas respectivas áreas de responsabilidade pela prestação A/G, em prol de uma **percepção externa favorável da Brigada, do Exército e das FA** em geral.

b. **Centro de Gravidade**

Consolidação da identidade da BrigRR, no sentido duma efectiva coesão entre todos os seus elementos, sempre no **respeito e preservação** dos aspectos mais significativos das **respectivas culturas organizacionais**.

c. **Vulnerabilidade Crítica**

Localização dispersa das unidades do SFN-Ex/BrigRR e dependência de estruturas integrantes das capacidades de Apoio Geral do Exército no que diz respeito ao apoio de combate, e de **Apoio Geral e de Sustentação Logística** do Exército no tocante ao apoio de serviços.

d. **Conceito**

Durante o biénio 2007/08 orientar o cumprimento da missão da BrigRR para os pontos de decisão identificados e referenciados nas seguintes **Linhas de Acção de Comando: Obtenção e Manutenção de Efectivos (Efectivos), Operacionalização**

das Estruturas do SFN-Ex/BrigRR (Operacionalização SFN-Ex/BrigRR) e Fortalecimento da Coesão Interna da BrigRR (Coesão);

(1) Efectivos

Os recursos humanos são determinantes para a prossecução dos objectivos das diferentes estruturas organizacionais. Face aos níveis de operacionalidade exigíveis à BrigRR, como estrutura materializadora da capacidade de Reacção Rápida do Exército, considero de primordial relevância a acuidade no tratamento qualitativo e quantitativo dos recursos a obter e a manter na estrutura. Neste sentido, todas as entidades e órgãos da BrigRR com atribuições na área de administração/controlo de efectivos, deverão orientar o seu esforço para os processos de **obtenção, aplicação, desenvolvimento e manutenção** de efectivos.

(a) Obtenção

Identificar e atrair profissionais com potencial para ocupar as vagas existentes, adoptando-se os seguintes critérios: o recrutamento e a selecção do pessoal do Quadro Permanente (QP) ou do Regime Voluntário / Regime Contrato (RV/RC) serão feitas após ampla divulgação entre o público-alvo (os jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos e militares recém formados) e constarão de etapas eliminatórias e classificatórias (cursos de formação das várias qualificações da Brigada) observadas as peculiaridades de cada cargo/carreira.

(b) Aplicação

Orientada pela ênfase no desempenho eficaz e eficiente das pessoas, na contribuição que realizam para a missão. Como tal é de particular importância o conjunto de tarefas inerentes ao desenho do cargo, definição de perfis, a integração na missão e a avaliação de cargos.

(c) Desenvolvimento

Desenvolver e implantar sistemas que permitam aferir a actuação do militar face ao cargo que ocupa na Brigada, identificando necessidades de treino e capacitação e oferecendo oportunidades de melhoria de sua qualificação e perspectiva de ascensão funcional na Brigada (acções de formação contempladas nos Planos de Formação Nacional e de missões no estrangeiro).

(d) Manutenção

Orientada pelo respeito a diferenças individuais para o melhor desenvolvimento dos militares que servem no SFN-Ex/BrigRR e da missão da Brigada.

(2) Operacionalização SFN-Ex/BrigRR

- (a) Operacionalizar de imediato os níveis de autoridade decorrentes da promulgação do Dec.Lei nº 61/2006 de 21 de Março de 2006 e da regulamentação do exercício da autoridade técnica dos Órgãos Centrais de Administração e Direcção (OCAD) definida pelo doc. em ref. f) que atribuem ao General Comandante da BrigRR (Gen Cmt/BrigRR), por delegação do General Comandante do Comando Operacional (Gen CmdOp), o nível de autoridade de “Comando” sobre as unidades do SFN-CF/BrigRR e das unidades do SFN-COp/BrigRR quando reunidas fora das unidades aprontadoras para períodos de treino ou emprego efectivo das mesmas e de “Controlo” sobre as unidades do SFN-COp/BrigRR enquanto estas se encontrem aquarteladas nas unidades aprontadoras;
- (b) Prioritariamente, assegurar a operacionalização e manutenção de sistemas de informação e comunicação internos/externos, classificados/não classificados, como instrumentos de apoio à decisão do Gen Cmt/BrigRR e de controlo do estado das unidades em efectivos, materiais, equipamentos e recursos financeiros e da execução dos programas de formação, treino e de emprego efectivo de forças;
- (c) Promover a revisão, a curto prazo, das Normas de Execução Permanente (NEP) a implementar pela estrutura do SFN-CF/BrigRR, atendendo à integração neste comando das diferentes capacidades e às da estrutura do SFN-COp/BrigRR atendendo à satisfação dos requisitos de treino definidos pelo Comando NATO ao qual se encontram afiliadas todas as suas subunidades orgânicas da BrigRR (Command Allied Rapid Reaction Corps - COMARRC);
- (d) Acompanhar e participar nos trabalhos de revisão dos quadros orgânicos aprovados do SFN-Ex/BrigRR, com vista à desejável eliminação ou minimização de vulnerabilidades estruturais identificadas e referenciadas pelos Comandos das Unidades do SFN-Ex/BrigRR, simultaneamente com o estabelecimento ao nível do Comando e Estado-maior (Cmd/EM) da Brigada, de uma estrutura integrada de planeamento, coordenação e direcção das actividades de:
 - 1. formação geral e específica, desenvolvidas pelo CTCmds, CTOE e ETP;

2. prevenção de acidentes, como modelo piloto para o Exército de toda a formação a conduzir nas unidades da BrigRR com encargos de instrução;
- (e) Assegurar a obtenção e manutenção dos níveis de prontidão definidos superiormente para as unidades SFN-COp/BrigRR relevando-se, a prossecução das actividades de levantamento, aprontamento e manutenção de forças de acordo com o ciclo de preparação e empenhamento definido no Anexo C, os encargos atribuídos à Brigada no âmbito do Plano de Contingência “Pégaso” e a manutenção das qualificações aeronáuticas prevista na Unidade de Helicópteros do Exército (UHE);
 - (f) Assegurar o treino do Cmd/EM da BrigRR como órgão de planeamento, direcção e supervisão de operações de combate no âmbito da defesa colectiva dos Estados membros da NATO e de resposta militar a crises internacionais (CRO), alicerçadas nas suas componentes orgânicas e/ou em forças atribuídas em reforço;
 - (g) Definir e estimular objectivos de treino operacional para as subunidades da BrigRR correspondentes aos níveis de operacionalidade exigíveis a uma força com um grau de prontidão elevado – High Readiness Force (HRF)²⁶;
 - (h) Orientar a condução do planeamento operacional da BrigRR e subunidades tácticas para o conceito “Effect-Based Approach to Operations - EBAO” (operação orientada para os efeitos);
 - (i) Aplicar no desenvolvimento do treino do SFN-COp/BrigRR, o conceito de “augmentees” para o Cmd/EM da BrigRR e o conceito de apoio modular de A/G à Brigada nas áreas do Apoio de Serviços e do Apoio de Combate (quando aplicável), com a finalidade de os validar e determinar consequentes implicações nos níveis de operacionalidade da Brigada consolidando, simultaneamente, propostas de alteração que se revelem pertinentes;
 - (j) Orientar as actividades de supervisão interna para a validação dos níveis de operacionalidade das forças e em apoio à preparação das acções inspectoras externas a desenvolver pelos OCAD;

²⁶ HRF: forças com nível de categorização internacional entre 2 (5 dias) e 8 (90 dias). A estas forças é determinado níveis de levantamento não inferiores a 90% em pessoal e material.

- (k) Face ao incremento dos constrangimentos financeiros e de disponibilização de meios aéreos tidos, direccionar o esforço de qualificação para a formação básica aeroterrestre e de treino operacional para: FRI, NATO Response Force 10 a cargo do CTOE (NRF10/CTOE), Companhia de Precursores do Batalhão Apoio Aeroterrestre (CPrec/BAAT), Grupo de Comando da BrigRR (GrCmd/BrigRR), Batalhões de Infantaria Pára-quedistas (BIPara), Destacamentos de Operações Especiais (DOE), por esta ordem;
 - (l) Promover o esforço de treino das unidades do SFN-COp/BrigRR orientado para o quadro de missões apresentado no Anexo C, assegurando no seminário anual a promover pelo Cmd da BrigRR em Dezembro de 2007, um espaço para a sua discussão e desenvolvimento.
- (3) Coesão
- (a) Propor, planear, e conduzir actividades facilitadoras da coesão das forças da BrigRR com a finalidade de promover uma cultura organizacional integrada;
 - (b) Promover a execução integrada do planeamento operacional da Brigada contribuindo para a coesão das subunidades orgânicas da BrigRR;
 - (c) Promover a participação de todas as unidades do SFN-Ex/BrigRR nos campeonatos e competições desportivas militares de âmbito regional (BrigRR) e constituir as equipas desportivas representativas da Brigada ao nível Exército, com base na representatividade das suas unidades orgânicas;
 - (d) Promover o planeamento e condução de actividades de divulgação interna como facilitador da integração das forças da BrigRR e do desenvolvimento de uma identidade comum, sem prejuízo da essência do património herdado e alicerçado nas respectivas culturas organizacionais;
- (4) Anexo A – Plano de Administração de Pessoal;
 - (5) Anexo B – Plano de Formação;
 - (6) Anexo C – Plano de Treino e Emprego Operacional;
 - (7) Anexo D – Plano CIS;
 - (8) Anexo E – Plano de Prevenção de Acidentes;
 - (9) Anexo F – Plano de Inspeções e Avaliações;
 - (10) Anexo G – Plano de Informação e Divulgação;
 - (11) Anexo H – Plano de Financiamento 2007.

e. Centro Tropas Comandos (CTCmDs)

- (1) Planeia, dirige e conduz os ciclos de formação a seu cargo, de acordo com o Anexo B;
- (2) Promove e assegura a satisfação do nível de prontidão estabelecido para o seu encargo operacional materializado pelas 1ª Companhia de Comandos (1CCmds) e 2ª Companhia de Comandos (2CCmds), de acordo com o Anexo C;
- (3) Assegura, a partir do seu encargo operacional, o levantamento e aprontamento de forças para emprego no exterior do TN, atendendo ao ciclo de aprontamento e emprego de forças nacionais definido no Anexo C;
- (4) Adicionalmente à missão principal da unidade constitui-se como Centro por Excelência de Treino de Quadros e/ou Forças da BrigRR de acordo com o Apêndice 2 ao Anexo C.

f. **Centro Tropas Operações Especiais (CTOE)**

- (1) Planeia, dirige e conduz os ciclos de formação a seu cargo, de acordo com o Anexo B;
- (2) Promove e assegura a satisfação do nível de prontidão estabelecido para o seu encargo operacional materializado pela Força de Operações Especiais (FOE) de acordo com o Anexo C;
- (3) Assegura, a partir do seu encargo operacional, o levantamento e aprontamento de forças para emprego no exterior do TN, atendendo ao ciclo de aprontamento e emprego de forças nacionais definido no Anexo C;
- (4) Adicionalmente à missão primária da unidade, constitui-se como Centro por Excelência de Treino de Quadros e/ou Forças da BrigRR, para operações em montanha e de operações em condições extremas de temperaturas de climas frios de acordo com o Apêndice 2 ao Anexo C.

g. **Escola Tropas Pára-quedistas (ETP)**

- (1) Planeia, dirige e conduz os ciclos de formação a seu cargo, de acordo com o Anexo B;
- (2) Promove e assegura a satisfação do nível de prontidão estabelecido para o seu encargo operacional materializado pelo BAAT(-) conforme o Anexo C;
- (3) Apoia a condução do treino aeroterrestre dos encargo operacionais da BrigRR e outras forças e/ou entidades externas de acordo com determinação específica;

- (4) Garante a satisfação do protocolo com a Escola Superior de Tecnologia de Abrantes;
 - (5) Adicionalmente à missão primária da unidade, constitui-se como Centro por Excelência da Formação e Treino Cinotécnico da BrigRR de acordo com o Apêndice 2 ao Anexo C.
- h. **Regimento Infantaria nº3 (RI3)**
- (1) Garante o apoio ao treino de forças da BrigRR;
 - (2) À ordem, assegura o levantamento, preparação e manutenção do encargo operacional que eventualmente lhe vier a ser atribuído, atendendo ao ciclo de aprontamento e emprego de forças nacionais definido no Anexo C;
 - (3) Garante a satisfação do protocolo de apoio escolar estabelecido com a Câmara Municipal de Beja;
- i. **Regimento de Infantaria nº10 (RI10)**
- (1) Promove e assegura a satisfação do nível de prontidão estabelecido para o seu encargo operacional materializado pelo 2BIPara, conforme estabelecido no Anexo C;
 - (2) Assegura, a partir do seu encargo operacional, o levantamento e aprontamento de forças para emprego no exterior do TN, atendendo ao ciclo de aprontamento e emprego de forças nacionais definido no Anexo C;
 - (3) Mantém o controlo do Aeródromo Militar de São Jacinto (AMSJ) e a sua operação nos níveis a definir superiormente, em apoio à actividade aeroterrestre e aeronáutica militar;
 - (4) Acompanha e participa no desenvolvimento do processo de revisão do protocolo de utilização do AMSJ, por parte da Câmara Municipal de Aveiro prevendo o não comprometimento dos requisitos de segurança militar da área e da missão da unidade;
 - (5) Adicionalmente à missão principal da unidade, constitui-se como Centro por Excelência de Treino de Quadros e/ou Forças da BrigRR, para operações militares em superfícies aquáticas e em áreas edificadas de acordo com o Apêndice 2 ao Anexo C.
- j. **Regimento de Infantaria nº15 (RI15)**

- (1) Promove e assegura a satisfação do nível de prontidão estabelecido para o seu encargo operacional materializado pelo 1BIPara, conforme estabelecido no Anexo C;
- (2) Assegura, a partir do seu encargo operacional, o levantamento e aprontamento de forças para emprego no exterior do TN, atendendo ao ciclo de aprontamento e emprego de forças nacionais definido no Anexo C;
- (3) Adicionalmente à missão principal da unidade, constitui-se como Centro por Excelência de Treino de Quadros e/ou Forças da BrigRR de acordo com o Apêndice 2 ao Anexo C.

k. **Unidade de Aviação Ligeira do Exército (UALE)**

- (1) Promove e assegura a satisfação do nível de prontidão estabelecido para o seu encargo operacional materializado pela UHE, Companhia Comando e Serviços (CCS) e Companhia de Transmissões (CTm), conforme estabelecido no Anexo C;
- (2) Acompanha o processo de melhoramento das infra-estruturas aeronáuticas do Aeródromo Militar de Tancos (AMT) no âmbito do programa “capability package” da NATO e assegura os níveis de operacionalidade exigíveis para o apoio às actividades aeroterrestres e futuramente ao treino das sub-unidades aéreas da BrigRR.

l. **Instruções de Coordenação**

- (1) As unidades e subunidades da BrigRR preparam-se para apoiar o levantamento e aprontamento de forças nacionais no âmbito dos compromissos internacionais assumidos pelo Estado Português;
- (2) As unidades e subunidades da BrigRR preparam-se para prestar o apoio solicitado no âmbito das missões de interesse público;
- (3) As unidades e subunidades da BrigRR preparam-se para prestar o apoio que lhes for solicitado por parte das UU/EE/OO exteriores à estrutura do Cmd da BrigRR, atendendo às determinações superiores deste comando;

4. ADMINISTRAÇÃO E LOGÍSTICA

As verbas a despender no âmbito das actividades decorrentes da presente directiva obedecem à estimativa de custos em Anexo H – Plano de Financiamento 2007;

Instruções para recepção: acusar a recepção por mensagem com texto “Directiva de Comando nº3/BrigRR/07 recebido”

O Comandante da BrigRR

Carlos António Corbal Hernandez
Jerónimo

MGen

Autenticação

O Chefe de Estado-Maior da BrigRR

José Manuel Duarte da Costa

TCor Inf Para

Anexos:

- A – Plano de Administração de Pessoal.
- B – Plano de Formação e Campeonatos Desportivos.
- C – Plano de Treino e Emprego Operacional.
- D – Plano de Prevenção de Acidentes.
- E – Plano de Inspeções e Avaliações.
- F – Plano de Informação e Divulgação.
- G – Plano CIS.
- H – Plano de Financiamento 2007 (a difundir).

Distribuição:

Exemplar nº01	Arquivo
“ nº02	Cmdt
“ nº03	2ºCmdt
“ nº04	CTCmDs
“ nº05	CTOE
“ nº06	ETP
“ nº07	R13
“ nº08	R110
“ nº09	R115
“ nº10	UALE
“ nº11	CEM BrigRR
“ nº12	G1
“ nº13	G2
“ nº14	G3
“ nº15	G4
“ nº16	G6
“ nº17	G7
“ nº18	G9
“ nº19	1BPara
“ nº20	2BPara
“ nº21	FOE
“ nº22	1CCmDs
“ nº23	2CCmDs
“ nº24	ERec
“ nº25	BAAT
“ nº26	CTm
“ nº27	CCS
“ nº28	PelEng
“ nº29	PelAAA
Para Conhecimento:	
Exemplar nº30	Cmd Op
“ nº31	CID
“ nº32	BrigInt
“ nº33	BrigMec
“ nº34	EPE
“ nº35	RC3
“ nº36	RAAA1